



PROFLETRAS

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
CAMPUS DE UBERABA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)

ERILMA DE LIMAS

**PRODUÇÃO ESCRITA DE ARTIGO DE OPINIÃO COM *GOOGLE DOCS* EM
AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO 9.º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Uberaba

2023

ERILMA DE LIMAS

**PRODUÇÃO ESCRITA DE ARTIGO DE OPINIÃO COM *GOOGLE DOCS* EM
AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO 9.º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras do Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS), Campus de Uberaba, UFTM, para a obtenção do título de Mestre em Letras, pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/UFTM-Uberaba.

Orientador(a): Prof. Dr. Acir Mário Karwoski

UBERABA

2023

RESUMO

Desenvolvemos uma proposta de intervenção na promoção da escrita em regime coletivo e de colaboração, que buscou propiciar a uma turma de estudantes do 9.º ano do ensino fundamental de uma escola pública em Uberaba – MG a utilização da ferramenta *Google Docs* para o desenvolvimento da escrita *online*. Objetivamos, através do trabalho de intervenção - pesquisa-ação -, contribuir para o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos por meio da escrita de artigo de opinião, visando à condução dos estudantes à reflexão sobre as práticas e estratégias no uso de tecnologias digitais, bem como desenvolvimento do senso crítico-argumentativo. A pesquisa buscou cumprir com o previsto nesta etapa de escolarização pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que prevê a apropriação da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e possibilitando envolvimento com maior autonomia e protagonismo. O estudo teve embasamento teórico em Fávero (1991), Fiorin (2015), Pinheiro (2011), Marcuschi (2005), entre outros. A atividade foi desenvolvida em quatro etapas. Na primeira etapa, foi solicitada a construção textual de uma carta argumentativa, a fim de verificar o nível de escrita dos alunos. Na segunda etapa, os alunos se familiarizaram com o gênero artigo de opinião, através de análise linguística de vários textos, fazendo com que se apropriassem do gênero. Na terceira etapa, os alunos reconheceram a ferramenta Google Docs e fizeram a construção de um artigo de opinião de forma colaborativa. Esse artigo foi avaliado quanto à construção colaborativa, como se deu a confecção do documento e como foram feitas as alterações para construção do referido documento. Avaliou-se também como foi construída a introdução, o desenvolvimento e o desfecho, assim como os elementos de: coesão, coerência, propriedades argumentativas e apropriação da escrita. O estudo em sala de aula, método de pesquisa-ação, teve duração de um semestre letivo. Após a construção do artigo, através dos resultados obtidos, foi confeccionado um Planejamento de Ensino para os professores, contendo instruções para aplicação da prática de escrita colaborativa.

Palavras-chave: escrita colaborativa; ensino-aprendizado; google docs; escrita interativa; argumentação.

RESUMEN

Desarrollamos una propuesta de intervención en la promoción de la escrita en régimen colectivo y de colaboración, buscando propiciar a un grupo de estudiantes del 9º año de la enseñanza fundamental de una escuela pública de Uberaba – MG la utilización de la herramienta Google Docs para el desarrollo de la escrita en línea. Objetivamos, a través del trabajo de intervención – investigación – acción -, contribuir para el desarrollo de la competencia discursiva de los alumnos por medio de la escrita de artículo de opinión, apuntando a la conducción de los estudiantes a la reflexión sobre las prácticas y estrategias en el uso de las tecnologías digitales, bien como el desarrollo del sentido crítico-argumentativo. La investigación buscó cumplir con lo previsto en esta etapa de escolaridad por la Base Nacional Común Curricular (BNCC), que predice la apropiación del lenguaje escrita, reconociéndola con forma de interacción en los diferentes campos de actuación de la vida social y posibilitando involucramiento con gran autonomía y protagonismo. El estudio tuvo embasamiento teórico en Fávero (1991), Fiorin (2015), Pinheiro (2011). Marcushi (2005), entre otros. La actividad fue desarrollada en cuatro etapas. En la primera etapa, fue solicitada la construcción textual de una carta argumentativa, a fin de verificar el nivel de escrita de los alumnos. En la segunda, los alumnos se familiarizaron con el género artículo de opinión, a través de análisis lingüística de textos variados, haciendo con que se apropiasen del género. En la tercera, los alumnos reconocieron la herramienta Google Docs e hicieron la construcción de un artículo de opinión de manera colaborativa. Ese artículo fue evaluado cuanto a la construcción colaborativa, de cómo se dio la confección del documento y como fueron hechas las alteraciones para la construcción del referido documento. Se evaluó también como fue construida la introducción, el desarrollo y el cierre, así como los elementos de: cohesión, coherencia, propiedades argumentativas y apropiación de la escrita. El estudio en clase, método de investigación-acción, tuvo duración de un semestre lectivo. Después de la construcción del artículo, a través de los resultados obtenidos, fue confeccionada una Planificación de Enseñanza para los profesores, conteniendo instrucciones para la aplicación de la práctica de la escrita colaborativa.

Palabras claves: escrita colaborativa; enseñanza-aprendizaje; Google Docs; escrita interactiva; argumentación.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Pesquisa do artigo de opinião do aluno Arnaldo	39
Figura 2 - Pesquisa do artigo de opinião da aluna Amélia	40
Figura 3 - Ícones da barra de ferramentas do Google Doc's	41

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	A LINGUAGEM HUMANA E A PRÁTICA DA ESCRITA	11
2.1	DIFICULDADES PARA DESENVOLVER A HABILIDADE DA ESCRITA	11
2.2	DIFICULDADES ENCONTRADAS PELO PROFESSOR PARA DESENVOLVER A HABILIDADE DA ESCRITA.....	13
2.3	ESCRITA COLABORATIVA	14
3	TEXTUALIZAÇÃO	16
3.1	COESÃO E COERÊNCIA	16
3.1.1	Coesão Referencial	17
3.1.2	Coesão Recorrencial	17
3.1.3	Coesão Sequencial	18
4	ARGUMENTATIVIDADE NOS TEXTOS	20
4.1	A RELAÇÃO ENTRE INFERÊNCIA E ARGUMENTAÇÃO	22
5	CONSTRUÇÃO DE LETRAMENTOS	24
5.1	LETRAMENTO CRÍTICO	25
5.2	LETRAMENTO DIGITAL PROMOVENDO A SOCIALIZAÇÃO	26
6	METODOLOGIA	29
6.1	LOCAL E SUJEITOS DA PESQUISA	29
6.2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	30
6.2.1	1ª Etapa - Escrita Diagnóstica	30
6.2.2	2ª Etapa – Artigo de Opinião – Reconhecimento do Gênero	30
6.2.3	3ª Etapa – Escrita Colaborativa de Artigo de Opinião por meio do Google Docs	32
6.2.4	4ª Etapa - Autoavaliação	32
7	RESULTADOS E DISCUSSÕES	34
7.1	RESULTADOS DA 1ª ETAPA- ESCRITA DIAGNÓSTICA	34
7.1.1	Análise das cartas argumentativas	36
	RESULTADOS DA 2ª ETAPA - RECONHECIMENTO DO GÊNERO	
7.2	ARTIGO DE OPINIÃO E CONTATO COM A FERRAMENTA GOOGLE DOCS	38
7.3	RESULTADOS DA 3ª ETAPA - ESCRITA DO ARTIGO DE OPINIÃO ...	42
7.3.1	Análise da 1ª Versão - 23/09/2022	43
7.3.2	Análise da 2ª Versão - 27/09/2022	44
7.3.3	Versão final escrita em 11/11/2022	47
7.3.3.		
1	<i>Análise da versão final - 11/11/2022</i>	53
7.4	RESULTADOS DA 4ª ETAPA - AUTOAVALIAÇÃO	58

7.4.1	Avaliação do artigo de opinião	59
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
	REFERÊNCIAS	63
	APÊNDICE A - PLANEJAMENTO DE ENSINO	67
	ANEXO A - CARTAS ARGUMENTATIVAS ORIGINAIS DOS ALUNOS	87
	ANEXO B - VERSÕES DA CONSTRUÇÃO TEXTUAL DOS ALUNOS DISCUTIDAS AO LONGO DO TRABALHO.....	89
	ANEXO C - PRODUÇÃO FINAL DOS ALUNOS	106

1 INTRODUÇÃO

Para Colello (2007, p.16), “ Entre todas as conquistas do homem, a linguagem é a que mais contribuiu para fazer dele um ser humano de fato.” A autora justifica que, na relação entre homem e mundo, a palavra se constitui como a melhor representação do potencial simbólico. Uma tríade é formada entre o indivíduo, a sociedade e o quadro de referências que se concretiza em cada objeto, cada indagação e cada posicionamento pessoal. Ainda segundo a autora, “A linguagem garante ao homem o lugar de locutor, a constituição da consciência e a posição de sujeito que rege a própria vida e reage diante dela.” (Colello, 2007, p.16) Sendo assim, é através dela que se consagra a essência do ser humano.

Se a linguagem é a maior das invenções humanas, a escrita é a maior conquista da civilização, motivo pelo qual ela marca o início da história da humanidade. Graças às suas características, a escrita promove uma ruptura com o espaço (interlocução à distância), com o tempo (permanência do texto como portador autônomo) e com as exigências dialógicas primárias da interlocução (intercâmbio na ausência do outro), ampliando indiscutivelmente os limites da existência humana. (Colello, 2007, p.19)

Cabe ao professor de Língua Portuguesa o desabrochar dessa habilidade, guiar o aluno para que garanta seu lugar no mundo, demonstrando suas ideias. Tendo em vista o grande fluxo de trabalho do professor, nem sempre é possível desenvolver essa prática com a frequência necessária para o amadurecimento dos alunos. Ao se observar essa dificuldade dos professores em trabalhar a escrita dos alunos, e considerando a necessidade de estabelecer proatividade e a colaboração entre os alunos, foi proposto o presente trabalho a fim de, através da ferramenta Google Docs, desenvolver essa habilidade nos discentes.

A referida ferramenta possui recursos que possibilitam a escrita de forma coletiva e em colaboração. Além de permitir a interação e o espírito de cooperação entre os alunos, ela também é muito eficaz para o monitoramento e acompanhamento das ações pelo professor.

Pinheiro (2011, p.228) defende o papel da escrita em colaboração para o desenvolvimento do indivíduo. Ele aposta na complementaridade de capacidades, conhecimentos, de esforços individuais, de opiniões e pontos de vista. Fortalece ainda a capacidade de resolver problemas e criar alternativas. Por conseguinte, essa prática de letramento promove o protagonismo do aluno.

Isso quer dizer que as práticas que valorizam a participação em lugar do trabalho isolado, a expertise compartilhada em vez da expertise centralizada, a inteligência coletiva à inteligência individual e a colaboração à autoria individual possibilitam novos letramentos. (Pinheiro, 2011)

O estudo foi desenvolvido em uma turma do 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Lauro Fontoura. A proposta teve o objetivo de fazer com que os alunos desenvolvessem a habilidade argumentativa através da escrita do artigo de opinião. Para tanto, o experimento foi dividido em etapas que permitiram aos alunos a apropriação do gênero e da escrita.

Para iniciar, foi feita, de forma individual, uma atividade diagnóstica, através da confecção de uma carta argumentativa, que permitiu a verificação da consolidação da habilidade da escrita. Foi possível verificar níveis distintos na escrita dos alunos.

Na segunda etapa da pesquisa, houve a apropriação do gênero textual através da observação da construção da textualização de outros artigos de opinião. Foram apresentados vários artigos de opinião e solicitado aos alunos que observassem como foi feita a argumentação e como se estabeleceu a textualidade.

Independentemente de sua extensão ou suporte, cada texto se conecta a conhecimentos diversos (de língua, de textos, de interação, do mundo), razão pela qual os princípios de textualidade (coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade) são compreendidos por Beaugrande (1997) *como as mais importantes formas de conectividade*, que possibilitam múltiplas conexões não só dentro de um texto, mas também entre o texto e os contextos humanos nos quais ele ocorre, determinando que conexões são relevantes. (Koch; Elias, 2016, p. 34)

Na terceira etapa, os alunos conheceram a ferramenta Google Docs e escreveram, de forma colaborativa, o artigo de opinião. Observar esse momento de interação entre os alunos é muito enriquecedor para o professor. As formas que eles encontraram para resolver os mais diversos problemas, assim como a proatividade presente neste tipo de atividade, são recompensadoras.

Na quarta etapa, foi a vez dos alunos opinarem sobre a experiência vivida, através de questionário aplicado no Google Forms. Também nesta etapa, a professora pesquisadora pôde verificar como foi construída a textualidade do artigo de opinião produzido pelos alunos.

Para nortear a pesquisa, foi utilizado referencial teórico apresentado nos primeiros capítulos do trabalho. No capítulo “A Linguagem Humana e a Prática da

Escrita”, questiona-se a importância da linguagem e sua constituição para o ser humano, assim como se aborda as influências e importância da escrita. O capítulo destaca, ainda, as dificuldades encontradas pelos alunos e professores para o desenvolvimento desta habilidade.

Em seguida, no capítulo “Textualização”, é discutida a construção do concatenamento das ideias dentro de um documento e como isso permite que ele seja chamado de “texto” e não um agrupamento de ideias. Já o capítulo seguinte foca nos elementos que contribuem para a argumentação e as estratégias para se mostrar posicionamento de uma forma impessoal.

Por fim, discorre-se sobre os “Letramentos”. Neste capítulo, fala-se da relevância em se desenvolver os multiletramentos nos alunos e sua contribuição na prática social e de escrita. Apresenta, ainda, os letramentos digital e crítico com as contribuições possíveis na vida dos discentes.

É importante discutir esses assuntos para que se possa entender o tema trabalhado e a visão dos autores sobre o que está sendo estudado. Nesta dissertação, à medida em que são apresentados os trabalhos e resultados obtidos com os alunos, os referenciais teóricos são explicitados.

2 A LINGUAGEM HUMANA E A PRÁTICA DA ESCRITA

A linguagem surge da necessidade de o ser humano se comunicar, e percebemos isso desde os primórdios. “O aparecimento das primeiras manifestações de escrita no mundo teve início por meio de uma extensa jornada evolutiva que vem desde o homem pré-histórico.” (Costa *et al.*, 2016, p. 4)

Deixar registros das descobertas foi um grau de evolução nos seres deste período. Vestígios de comunicação foram encontrados em cavernas através de imagens rupestres desenhadas pelo homem. Desde então, evoluímos muito, e essa necessidade humana nunca deixou de existir.

Se o homem não é o mais forte dos animais, como consegue ser o maior predador da natureza? A capacidade de socialização permitida pela língua é talvez a maior responsável por essa posição na cadeia alimentar. O homem se agrupou e, com a interação e a organização, conseguiu vencer os obstáculos que sozinho não conseguiria.

Na oralidade, às vezes ocorrem ruídos na comunicação, ou seja, desencontros no que o locutor quer dizer e o que o interlocutor entende. Esses ruídos são desfeitos à medida em que se estabelece o diálogo e é questionado o que foi dito. A entonação da voz, as feições, os gestos e articulações também minimizam os desentendimentos da conversa. Na escrita, por não termos esses recursos citados, surgem dificuldades na comunicação.

2.1 DIFICULDADES PARA DESENVOLVER A HABILIDADE DA ESCRITA

O grande desafio é se fazer entender e persuadir através de suas ideias. Em um mundo tão tecnológico e cheio de possibilidades, os seres humanos ainda sentem dificuldades em desenvolver a escrita e manifestar sua essência e pensamentos. A língua liberta ou aprisiona o indivíduo. É, pois, urgente desenvolver a escrita dos alunos como ferramenta de libertação e sobrevivência.

Quase tão antiga quanto a própria história dos homens, a “armadilha das palavras”, que coloca a língua ora a serviço da explicitação e transparência da ideia, ora da omissão e do mascaramento da verdade, abre a perspectiva para outra dimensão desse ardiloso jogo linguístico: a possibilidade do entendimento entre os homens. Como uma das mais cruéis ameaças à humanidade, a dificuldade de comunicação se consubstancia pelo desenraizamento social, pela sobrevivência passiva, pelos mecanismos de submissão e pelo aprisionamento das pessoas na solidão e no silêncio. (Colello, 2007, p.15)

Se a comunicação é uma necessidade humana e nós a desenvolvemos há tantos séculos, por que ainda temos dificuldades em promover essa habilidade nos discentes? Maria Teresa Abreu (2019, p.142) questiona: "O que, efetivamente, a criança precisa saber para dominar a língua escrita?" Essa pergunta se faz necessária tendo em vista a afirmação da autora: "para começar a escrever, a criança não precisa estudar a gramática, pois já domina a língua portuguesa em sua modalidade oral."

Já para Antônio Suárez Abreu (2021, p.13-22), parte dessa dificuldade na escrita se deve à existência de dois tipos de sistemas, os simples e os complexos. Em sua definição, ele explica que os sistemas simples não promovem interação e nem reagem. Um exemplo disso é o motor de um carro que, ao estragar, poderá ser consertado sem nenhum tipo de interação com a pessoa que o está consertando. Nos sistemas complexos há interação. O corpo humano, por exemplo, reage de diferentes formas aos medicamentos ofertados para combater doenças. O mesmo medicamento pode atuar de forma diferente em seres distintos. Isso ocorre porque o organismo de cada pessoa se comporta de maneira única. A linguagem humana é um sistema complexo que reagirá a diversos elementos estressores que irão diminuir a entropia e que provocam constantes transformações.

Ela se adapta às condições históricas e culturais de cada comunidade, assim como os pássaros adaptam a feitura dos seus ninhos aos materiais disponíveis em torno em que vivem. É por isso que há tantas línguas no mundo. Seus agentes são os próprios falantes. E quais seriam os seus atratores? Os principais atratores da linguagem humana são:

- Sociabilidade
- Sentido, clareza e economia
- Iconicidade (imagem) (Abreu, 2021 p.14-15)

Os atratores permitem que a língua seja "viva", ocasionando mudanças e alterações de rumo de acordo com o envolvimento e interação do leitor. As escolhas feitas na hora da escrita, desde a opção do léxico a construções frasais, impactarão na compreensão leitora. O atrator denominado "Sociabilidade" pode ser observado na escolha de determinadas palavras (por favor, obrigada, etc....) e gestos de cordialidade que permitirão o respeito dos valores socioculturais dos interlocutores e facilitarão nossa comunicação. O "Sentido" é algo fundamental para estabelecer a comunicação e geralmente é feito com o intuito de promover clareza nos posicionamentos e ideias, permitindo a utilização, em muitas ocasiões, de "economia nas palavras", como por exemplo foto em vez de fotografia.

A linguagem humana atualiza-se a todo momento de acordo com as escolhas e usos de seus interlocutores. É por esse mesmo motivo que as convenções de hoje em pouco tempo poderão não mais existir. Diante das inúmeras possibilidades, apropriar-se de técnicas que permitam melhor escolha e uso da língua é o grande desafio. Apoderar-se de estratégias que permitam aos alunos expressarem seus pensamentos e posicionamentos resulta tarefa, por vezes, muito difícil.

A linguagem é um mecanismo que faz parte da natureza humana do ser humano, naturalmente necessitado de se agrupar em sociedade a fim de realizar seus objetivos. Por isso, consciente de suas limitações, cada pessoa busca no outro a complementação de si mesmo. E o instrumento, o meio que permite essa aproximação entre pessoas, é justamente a linguagem, por favorecer o pensar e o agir. (Abreu, 2021, p. 136)

Quando o assunto é de interesse dos alunos, percebe-se uma fluidez de pensamentos e ideias. Isso nem sempre acontece quando eles resolvem escrever sobre esse mesmo assunto. Não é raro observar que o aluno, ao ser questionado sobre determinada construção frasal incoerente ou sem progressão textual, tenha um sentido lógico para a ideia. É urgente desenvolver as habilidades da escrita nos discentes a fim de desfazer os problemas apontados.

2.2 DIFICULDADES ENCONTRADAS PELO PROFESSOR PARA DESENVOLVER A HABILIDADE DA ESCRITA

É possível afirmar que a prática leva ao aperfeiçoamento. Com a escrita não é diferente, quanto mais se pratica, melhor se escreverá. Mas nem sempre o professor consegue a frequência dessa prática para o desenvolvimento da escrita.

O que leva à formação de leitores e produtores de textos proficientes em língua materna é exercício efetivo, isto é, a prática constante dessas habilidades, é a necessidade de se ler e escrever, é manejo com as ferramentas das quais a língua dispõe, é o uso dos recursos linguísticos, da capacidade de expressão, de invenção, de imaginação, dentre outros domínios. (Negreiros; Andrade, 2011, p. 353)

Parte da dificuldade do docente se deve ao grande fluxo de trabalho extraclasse: o preenchimento de papéis para avaliar como o professor está preparando o aluno, quais estratégias estão sendo utilizadas geram burocracias sem fim e tomam seu tempo livre. A promoção da escrita dos alunos envolve, geralmente, mais trabalho extraclasse, dificultando a aplicação frequente desta prática.

Outro fator dificultador para a aplicação frequente de atividades de escrita é o grande número de avaliações externas às quais os professores devem submeter o

aluno. A escola é conceituada de acordo com as notas recebidas pelos alunos nessas avaliações, e por isso há uma grande cobrança do professor de português para treinamento dessas habilidades.

Forma-se um círculo vicioso, tendo em vista que a escrita necessita de prática e para haver prática há que se dedicar tempo para correção, e o professor não dispõe deste tempo. Junte-se a isso o número excessivo de avaliações e teremos alunos com dificuldades na escrita.

O formato da escola também não contribui para a evolução do processo de ensino da escrita, pois ainda é centrado no professor. Freire (2002 *apud* Oliveira; Tinoco; Santos, 2014, p.42) chama esse processo de “consciência bancária”, já que o professor se apresenta como um depositário do saber. Ele é o detentor do saber e realiza o papel de dono da verdade, sendo incumbido de depositá-lo na mente do aluno ignorante, considerado apenas um receptor de conhecimento. O fluxo é unilateral, restando ao aluno a possibilidade de assimilar passivamente o que lhe é imposto, sem questionamentos.

A marca desse processo são as aulas expositivas nas quais os conteúdos exercem um valor absoluto, constituindo-se no eixo norteador a partir do qual toda prática de ensino se efetiva, ocasionada pelo uso natural de estratégias repetitivas e, por isso, pouco geradoras de sentido e de produtividade. Dentro dessa ótica, ensinar tem sido compreendido como uma prática de controle cuja preocupação maior é a imposição da disciplina. Nela, é o professor que, centrado em conteúdos, determina os objetivos da aula, escolhe as atividades, fornece as informações sobre o objeto de ensino-aprendizagem e avalia quase sempre sem prévia negociação de critérios junto aos alunos. Ao aluno é concedido apenas o direito de executar as tarefas impostas e obedecer às decisões tomadas pelo professor. O incentivo à participação pelo aluno se dá pelo medo à autoridade do professor e ao fracasso escolar. (Oliveira; Tinoco; Santos, 2014, p. 42)

O professor deve desenvolver técnicas que permitam assiduidade em atividades de escrita, sem que isso acarrete mais trabalhos extraclasse; práticas que estimulem o protagonismo dos alunos e a evolução da busca pelo saber.

2.3 ESCRITA COLABORATIVA

A escrita colaborativa (EC) pode auxiliar nos problemas apontados, uma vez que ela permite a diminuição no fluxo de trabalho extraclasse, incentivando o protagonismo, e auxilia no processo de desenvolvimento da escrita.

Ademais, o trabalho em colaboração contribui bastante para o crescimento do aluno. Para entender um pouco mais sobre os efeitos da “consciência de grupo”, é necessário mencionar Lowry *et al.* (2004 *apud* Pinheiro, 2011, p. 230), que fazem algumas considerações a respeito do grau de sincronicidade (o momento em que um grupo escreve) na EC. Eles explicitam que existem quatro modos de trabalho: “no mesmo local e ao mesmo tempo; em locais diferentes e ao mesmo tempo; no mesmo local e em tempos diferentes; e em locais diferentes e em tempos diferentes”. Essa explicação é importante para entender o quanto os alunos ganham com esse tipo de atividade.

Além disso, os quatro modos de EC podem influenciar o que Greenberg *et al.* (1996) chamam de “consciência de grupo” (group awareness), experienciada por cada membro da equipe. Isso quer dizer que cada indivíduo desenvolve a consciência de grupo ao compreender suas atividades à luz da compreensão das atividades dos outros membros do grupo. (...) Assim, por exemplo, em um trabalho realizado em tempo síncrono, as tarefas, em geral, serão menos estruturadas (um nível de coordenação menor entre a equipe) do que em tempo assíncrono, porém apresentam mais participação entre os integrantes do grupo, já que todos estão vendo o que cada está fazendo, havendo, portanto, mais consciência de grupo do que em um trabalho assíncrono. (Pinheiro, 2011, p.230-231)

A escrita colaborativa possibilita, ainda, que os alunos tenham acesso ao universo digital: aprendendo a salvar arquivos no *Google Drive*, assim como a edição e o compartilhamento pelo *Google Docs*. Selecionar textos através de buscas em sites confiáveis é uma habilidade que também será ampliada com esse tipo de praxe. Para Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020, p.46), é indispensável preparar os alunos para essas transformações que estão acontecendo no meio digital:

(...) temos vivenciado transformações na maneira como nos comunicamos, fruto de mudanças nas tecnologias de comunicação, na relação entre a escrita e os outros modos de construção de significados, nas maneiras pelas quais as diferenças linguísticas são negociadas e na acessibilidade crescente a novos meios de comunicação. Essas mudanças são tão importantes que talvez mereçam ser rotuladas como “terceira globalização”. (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020, p.46)

A escrita colaborativa apresenta contribuições que vão além do letramento digital, pois ela permite agregar ideias através do olhar do outro. Isso enriquece o texto e o torna único e rico. A colaboração entre os alunos auxilia não somente no complemento lexical, mas também permite criação de sentidos que formam um novo percurso do texto. Cada ideia, complementação e inserção vão moldando o texto permitindo seu aperfeiçoamento e sua textualização.

3 TEXTUALIZAÇÃO

Para Fávero (1991, p. 6), os falantes de uma língua são capazes de distinguir um texto coerente de um aglomerado de enunciados. A textualização é fator importante de discussão quando se trata de processos de escrita.

O texto consiste, então, em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo comunicativo independente de sua extensão. Trata-se, pois, de um contínuo comunicativo contextual caracterizado pelos fatores de textualidade: contextualização, coesão, coerência, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade e intertextualidade (Fávero, 1991, p.7).

Observam-se, ainda, com frequência, muitas marcas de oralidade reproduzidas nos textos dos alunos, atrapalhando a coesão e a progressão textual. Por isso, é importante abordar alguns fatores indispensáveis para se estabelecer a textualização.

3.1 COESÃO E COERÊNCIA

A coesão é responsável por ligar as ideias dentro de um texto. Essa ligação ocorre tanto dentro da frase quanto dentro/entre parágrafos, formando assim uma costura que interliga e possibilita a progressão das ideias. Um texto sem coesão trata-se apenas de um amontoado de ideias sem conexão entre si.

A coerência é responsável por dar sentido ao texto, ou seja, ela permite que as ideias se completem sem formar contradições. Segundo Fávero (1991, p. 11), um texto pode ser coerente e não ser coeso, assim como pode ser coeso e não ser coerente.

(...) pode haver um sequenciamento coesivo de fatos isolados que não têm condição de formar um texto (a coesão não é condição nem suficiente nem necessária para formar um texto). (...) pode haver textos destituídos de coesão mas cuja textualidade se dá ao nível de coerência. (Fávero, 1991, p.11)

A autora distingue os termos como manifestações no nível microtextual (coesão) e manifestações macrotextuais (coerência). Sendo assim, é necessário que o texto cumpra com esses dois aspectos para que se estabeleça a comunicação.

3.1.1 Coesão Referencial

Fávero (1991, p. 18-25) explica que a referência pode, por vezes, não apresentar sentido isoladamente, mas dentro de um texto retoma um termo, permitindo sua progressão sem que o texto fique repetitivo. A coesão referencial pode ser obtida por substituição e por reiteração.

A coesão referencial por **substituição** fará a retomada de um componente por *anáfora* ou poderá promover a sucessão por *catáfora*. Exemplos :

- a) **Maria** gosta de andar de bicicleta. **Ela** faz trilhas sensacionais. (anáfora);
- b) **Esta** é a fórmula para felicidade: **bons amigos, paz de espírito e saúde**. (catáfora);
- c) A coesão referencial por **reiteração** acontece através da repetição de termos, por uso de sinônimos, hiperônimos, hipônimos ou expressão nominal definida.
- d) “O fogo acabou com tudo. A **casa** estava destruída. Da **casa** não sobrara nada.” (Repetição de termos);
- e) “A **criança** caiu e chorou. Também o **menino** não fica quieto.” (Sinônimos)
- f) “Gosto muito de **doces**. **Cocada**, então, adoro.” (Hiperônimos)
- g) “Pedro viu uma **moto**. O **veículo** brilhava ao sol.” (Hipônimos)
- h) “Machado de Assis”, “nosso maior escritor”, “mestre”, “bruxo de Cosme Velho” se equivalem como substitutos textuais (expressões nominais definidas)

3.1.2 Coesão Recorrencial

Fávero (1991, p. 26) diz que “A coesão recorrencial se dá quando, apesar de haver retomada de estruturas, itens ou sequências, o fluxo informacional caminha, progride; tem, então, por função levar adiante o discurso.” Explica ainda que a diferença entre reiteração e recorrência se dá pela função de cada uma. Ou seja, a função da reiteração é assinalar que a informação já é conhecida e mantida, enquanto a função da recorrência é assinalar que a informação progride.

Constituem casos de coesão recorrencial: recorrência de termos; paralelismo (=recorrência de estruturas); paráfrase (=recorrência de

semântica); recursos fonológicos segmentais e supra-segmentais (Fávero, 1991, p. 26)

A recorrência de termos permite intensificação e ênfase. No paralelismo, as estruturas são aproveitadas, mas com conteúdos diferentes. A paráfrase, com o diálogo textual, promove coesão, atuando como articuladora entre informações antigas e novas. Já os recursos fonológicos, segmentais e supra segmentais promovem a coesão por meio de ritmo, silêncio, entoação e recursos de motivação sonora.

3.1.3 Coesão Sequencial

A coesão sequencial também motiva a progressão do texto, assim como a recorrencial. A diferença ocorre porque neste tipo de coesão não haverá retomada de itens, sentenças ou estruturas. Para Fávero (1991, p. 33), “Podem ocorrer por sequenciação temporal e por conexão.” Ainda segundo a autora, podemos afirmar:

- a) **Sequenciação temporal pode ser obtida por:**
 - 1- Ordenação linear dos elementos: “Vim, vi e venci.”
 - 2- Expressões de ordenação/continuação das sequências: “*Primeiro* vi a moto, *depois* o ônibus.”
 - 3- Partículas temporais: “Não deixe de vir *amanhã*.”
 - 4- Correlação dos tempos verbais: “Paulo não *chegou* ainda embora *tivesse saído* cedo.”
- b) **Sequenciação por conexão:** Tudo se relaciona em um texto na medida em que não possam ser compreendidos por si só. Os operadores discursivos estruturam-se através de encadeamentos e dão uma direção argumentativa. Conforme a escolha dos operadores argumentativos, o texto segue uma direção.

Os operadores tipo lógico podem estabelecer disjunção, condicionalidade, causalidade, mediação (duas proposições em que uma exprime o meio para se atingir o fim), complementação e restrição ou delimitação. Já os operadores do discurso podem ser, por exemplo, conjunção, disjunção (diferente do tipo lógico, que estabelece relação de inclusão ou sequência alternativa compatível, estabelece orientações discursivas diferentes ou incompatíveis), contrajunção (oposição) e explicação ou justificação.

- c) **Pausas:** As pausas manifestadas por vírgulas, dois pontos, ponto e vírgula ou ponto final podem substituir conectores frásicos, assinalando diferentes relações.

A coesão sequencial é muito importante para a progressão do texto. Ela contribui com a evolução do assunto, dando marcas temporais. Além disso, essa coesão colabora com a concretização do processo de construção argumentativa do texto. Saber fazer boas escolhas lexicais fará a diferença no texto argumentativo, promovendo eficácia no que se quer convencer.

4 ARGUMENTATIVIDADE NOS TEXTOS

Machado (2019, p. 63) explica sobre a evolução das espécies defendida por Darwin. No texto, a autora explica essa teoria que contribuiu muito com a ciência: A necessidade de adaptar-se é inerente à sobrevivência humana, quem sobrevive não é necessariamente o mais forte e sim o que melhor se adapta ao ambiente. Não há dúvidas de que o homem é altamente adaptável e passou por grandes mudanças para permanecer mesmo diante tantos desafios.

Em 1859, o naturalista britânico Charles Darwin publicou a sua principal obra, que é uma das mais notáveis da história das ciências, a Origem das espécies.(...). É nele que Darwin publica pela primeira vez a sua ideia – já formulada anos antes – de que todas as espécies descendem de um ancestral comum e não são fixas – como se acreditava até então –, mas evoluem por seleção natural. É o que ele chama de “theory of descent with modification through variation and natural selection” (DARWIN, 1876, p. 404), traduzido assim por Ana Afonso (DARWIN, 2009a, p. 397): “teoria da descendência com modificações através da variação e da seleção natural”. Isso quer dizer que, ao longo de muito tempo e por conta das mais diferentes circunstâncias, as espécies variam, se modificam. Essa variação pode ou não ser favorável para a espécie, o que vai definir se ela se adapta ou não às mudanças e, conseqüentemente, se ela sobrevive, se reproduz e passa adiante a variação, ou não. (Machado, 2019, p. 63)

A vida em sociedade faz parte da evolução humana. A capacidade do homem em viver em sociedade fez com que ele vencesse vários desafios desde os homens das cavernas. Para Fiorin (2015, p. 9), o maior aprendizado dos seres humanos ao viver em sociedade é que nem tudo poderia ser resolvido com a força, daí a necessidade do uso da palavra para persuadir os outros a fazer alguma coisa. A argumentação está intimamente ligada à vida em sociedade, que nos exige saber se posicionar diante das situações. Por isso, é imprescindível desenvolver a capacidade de argumentação. Ainda segundo o autor, todo discurso é argumentativo:

(...) de um lado, porque o modo de funcionamento real do discurso é o dialogismo; de outro, porque sempre o enunciador pretende que suas posições sejam acolhidas, que ele mesmo seja aceito, que o enunciatário faça dele uma boa imagem. (...) Um discurso pode concordar com outro ou discordar de outro. Se a sociedade é dividida em grupos sociais, com interesses divergentes, então os discursos são sempre o espaço privilegiado de luta entre vozes sociais, o que significa que são precipuamente o lugar da contradição, ou seja, da argumentação, pois a base de toda a dialética é a exposição de uma tese e sua refutação. (Fiorin, 2015, p. 9)

A argumentação é o ato de construir um discurso que tem a finalidade de persuadir e é constituída por três elementos: o enunciador, o enunciatário e o discurso. O enunciador (orador), segundo Bakhtin (1979 *apud* Fiorin, 2015, p. 70), é

sempre um sujeito social e pode ser individual ou coletivo. Ele sempre escolhe e articula seus argumentos em função de um ponto de vista sobre o auditório (enunciatário), sendo que cada um deste é particular, por ter conhecimentos, crenças, valores e emoções diversas.

A teoria da comunicação vê o ato comunicativo de maneira muito simplificada, pois concebe emissor e receptor como polos neutros a quem cabe tão somente produzir, receber e compreender mensagens.

O processo comunicativo é mais complexo, pois há uma diferença nítida entre comunicação recebida e comunicação assumida. Comunicar é agir sobre o outro e, por conseguinte, não é só levá-lo a receber e compreender mensagens, mas é fazê-lo aceitar o que é transmitido, crer naquilo que se diz, fazer aquilo que se propõe. (...) A eficácia de um ato de comunicação reside na aceitação do que expôs o emissor. (Fiorin, 2015, p. 76)

Ruiz (2013, p. 34) explica que o leitor sempre se prontifica a cobrir lacunas do texto para poder entendê-lo. A leitura exige interação do leitor, sendo assim o leitor é peça fundamental da comunicação, e sabemos que na escrita ele não terá os elementos visuais e gestuais para contribuir. Assim como não contará com a presença do escritor para sanar dúvidas de não compreensão. Partindo do que foi dito, levantamos a problemática: para convencer ou orientar uma pessoa, sem utilizar recursos gestuais ou visuais de maneira a estabelecer uma comunicação efetiva, é necessário dominar a língua escrita e fazer boa escolha no uso das palavras.

É possível perceber intenções por trás do discurso gerado para convencimento de seu ponto de vista. Não existe discurso imparcial. Mesmo quando se mostra imparcialidade ao defender o ponto de vista, existem ali marcas da forma de pensar sobre o assunto. Saber perceber e utilizar esses efeitos proporciona domínio da língua materna.

Fiorin (2015, p.17), ao citar Anscombe e Aristóteles, explica como a Pragmática exerce influência na construção da argumentação. É possível observar no exemplo como funciona essa influência: um colega diz ao outro no trabalho ao fim do expediente - *Está caindo uma tempestade lá fora!* A mensagem emitida é de alerta, quanto à impossibilidade de sairmos do local. Assim constrói-se a argumentação.

Se, para essa pragmática integrada, a argumentação é o encadeamento dos enunciados que conduz a certa conclusão, seu domínio preferencial é o estudo dos conectores que realizam esse encadeamento. Além disso, estuda a orientação argumentativa dos enunciados, bem como os tópoi que estão na base dos encadeamentos, realizados na superfície pelos conectores. (Fiorin, 2015, p.17)

O autor ressalta ainda que não se deve ater à microanálise linguística. O texto não pode ser analisado separado de seu contexto. “(...) as teorias do discurso devem levar em conta dois aspectos: de um lado, a organização das unidades discursivas transfrásticas; de outro, o modo de funcionamento real do discurso, ou seja, seu caráter dialógico.” (Fiorin, 2015, p.17)

4.1 A RELAÇÃO ENTRE INFERÊNCIA E ARGUMENTAÇÃO

A inferência permite a conclusão ou dedução de algo através do raciocínio a partir de fatos. A inferência será responsável pela progressão do discurso. “O texto diz muito mais do que aquilo que está enunciado: ele apresenta pressuposições, subentendidos, consequências não ditas, etc” (Fiorin, 2015, p.31).

Neste mesmo capítulo, Fiorin (2015, p. 32-45) cita três formas de inferência: lógica, semântica e pragmática. As inferências de ordem lógica, segundo o autor, são decorrentes de implicação entre proposições. O primeiro processo denominado é “Eliminação”, veja o exemplo:

Faz sete meses, a mãe de um daqueles criminosos que queimaram a dentista, entre os quais havia um menor, duvidava da participação do filho maior, com esta frase estarrecedora, dita à imprensa: "Acho estranho, porque ele só saía para roubar às 6 horas, e esse caso foi à tarde" (Angelo, 2013 *apud* Fiorin, 2015, p.32).

Um segundo processo apontado, conhecido como *modus ponendo ponens* (=modo que afirmando afirma), sustenta sua argumentação na lógica afirmativa da proposição anterior: "Se meu time ganhar o campeonato, irei festejar na Avenida Paulista. Meu time ganhou o campeonato. Então, fui festejar na Avenida Paulista."

A inferência semântica decorre do significado de palavras. Na frase *Maria parou de fumar*, o significado da palavra parou implica que ela fumava anteriormente. O autor ainda aponta os principais marcadores de pressuposição:

- a) **adjetivos** ou palavras similares: Ele ganhou sua *segunda* medalha de ouro em Olimpíadas de Matemática. Pressuposto é o de que ele já havia ganhado uma medalha antes;
- b) **verbos** que indicam permanência ou mudança de estado (por exemplo, tomar-se, transformar-se, converter-se, ficar, vir a ser, passar a, deixar de, começar, principiar a, ganhar, perder, permanecer, continuar), bem como verbos que denotam um ponto de vista sobre o que é expresso pelo seu complemento (por exemplo, pretender, alegar, supor, presumir, imaginar, assacar): As informações coletadas pelos Estados Unidos *continuam* armazenadas nos computadores do Serviço Nacional de Segurança (o pressuposto é o de que as informações já estavam nos computadores do Serviço Nacional de Segurança); (...)
- c) **certos advérbios**: O Brasil não tem *mais* o melhor futebol do mundo (o pressuposto é o de que ele já teve o melhor futebol do mundo);

d) **conjunções:** Ela casou com um homem rico, *mas* é feliz (o pressuposto é o de que o casamento com uma pessoa rica sempre é por interesse e, portanto, não é feliz)

e) **orações adjetivas:** *Os políticos, que só defendem seus interesses, não estão nem aí para o povo* (o pressuposto é o de que todos os políticos só defendem seus interesses: diferença entre orações subordinadas adjetivas explicativas e restritivas está no pressuposto que elas instauram; a explicativa indica que algo se aplica à totalidade dos membros de um dado conjunto, enquanto a restritiva pressupõe que algo se aplica a apenas uma parte de um determinado grupo; observe-se a diferença entre a oração explicativa acima e a restritiva correspondente. *Os políticos que só defendem seus interesses não estão nem aí para o povo.*) (Fiorin, 2015, p.38)

Na inferência pragmática, é importante observar a situação comunicativa para que haja o entendimento. Em uma sala de aula quente e com as janelas fechadas, uma professora diz ao aluno que se senta ao fundo: *Está quente aqui!* Possivelmente, ela não está dando somente a informação de como está o tempo. Ela quer com esta frase que o aluno abra a janela ou ligue o ventilador.

5 CONSTRUÇÃO DE LETRAMENTOS

Alfabetizar ou letrar? Goulart (2014, p.03-04) define letramento quando diz que aprender a escrever só tem sentido se puder inserir as pessoas no mundo da escrita, ampliando, assim, a inserção política e a participação social. Essa concepção tem mudado o processo de alfabetização, deixando assim de ser somente um processo de decodificação de palavras ou frases.

Para que a pessoa seja inserida na sociedade e no mundo, são necessários vários letramentos. O termo multiletramento surgiu com um grupo chamado “The New London Group (NLG)”. Foram vários estudos que resultaram na elaboração de manifesto do grupo que foi publicado em 1996 e chamado de “A pedagogy of multiliteracies: Designing social futures.” Esse grupo se interessava em explicar o que é importante nas abordagens tradicionais de leitura e escrita e o que deve ser acrescentado para que se construa os significados em ambientes de comunicação contemporânea (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020, p.19)

Segundo Maria Teresa Abreu (2019, p.138), os textos possuem funções ilimitadas que dependem da intenção do que se quer dizer e para quem se diz. A autora diz ainda que existem três funções sociais que são essenciais relativas ao uso da escrita: “a da organização das coisas do mundo; da comunicação propriamente dita, com o objetivo de informar, de fazer conhecer; do registro, característica fundamental da escrita, pois perpetua o que se pensa.” (Abreu, 2019, p.19)

Para falar da função da escola, ainda segundo a autora, é necessário, antes de mais nada, saber que a escrita só é concretizada quando temos algo a dizer, para quem dizer e por que dizer. Maria Teresa Abreu (2019, p.139) ressalta que, “(...) com a escrita, temos de aprender a ler e a empregar textos das marcas que queremos que nosso texto tenha, a fim de lançarmos nossos processos comunicativos”.

Por isso, é importante que tanto os professores quanto os alunos se dediquem a esse processo de ensino-aprendizagem da escrita nos diversos anos da escolarização, a fim de propiciar ambiente no qual o aluno possa se desenvolver como sujeito social que se (re)constrói discursivamente. Ainda segundo Abreu (2019, p. 139), é função do professor de português “(...) ensinar aos alunos o que é

uma língua, quais as propriedades e os usos que ela realmente tem, qual é o comportamento da sociedade em termos do uso da língua.”

A aposta que se faz aqui é que a ação pedagógica, ao chamar atenção do leitor para os aspectos configuracionais, será uma ação mediadora entre o leitor e o texto. Mediação que não deve impor as estratégias do texto que se lê como o único caminho a ser seguido pelo que aprende; mas mediação que, alertando para tais aspectos, vai permitindo ao que aprende a sua própria transformação pessoal pelo fato de dispor, cada vez que lê, de outras possibilidades de escolha de estratégias de dizer o que tem a dizer. (Geraldi, 1997, p.182)

O papel de mediador do professor é fundamental, auxiliando na sistematização do conhecimento e das técnicas. A escola deve fornecer o letramento social que permita ao aluno proficiência na escrita dos mais variados textos.

5.1 LETRAMENTO CRÍTICO

Como visto até aqui, o letramento vai além de alfabetizar ou de ensinar a decodificar palavras ou sentenças. É preciso proporcionar aos nossos alunos um letramento crítico, no qual o discente seja protagonista, ator principal desse cenário social discursivo. Segundo Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020), a pedagogia dos letramentos críticos não se centra no desenvolvimento de habilidades mecânicas ou em aprender fatos ou regras separadas de seu uso. Para que ocorra o letramento crítico, deve-se envolver os estudantes como atores sociais, sempre questionando e levantando temas de interesse local ou social, como global e público. Os autores Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020, p. 141) afirmam, ainda, que o objetivo do letramento crítico “é contribuir para que os alunos possam entender como os sentidos são construídos no mundo pelos valores e ações das pessoas, entendendo que o mundo da aprendizagem não é simplesmente uma série de regras a serem obedecidas”. Quando conseguimos atingir nosso objetivo do letramento crítico, o aluno consegue:

Em termos textuais, uma pessoa criticamente letrada identifica tópicos relevantes, permeados por relações de poder, analisa e documenta evidências, considera pontos de vista alternativos, formula possíveis soluções para os problemas e talvez também possa colocar em prática essas soluções, chegando, assim, às próprias conclusões apresentando argumentos bem fundamentados para defender suas proposições. (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020, p.142)

É muito relevante a utilização de práticas exitosas que permitam ao aluno alcançar o letramento crítico; que eles possam perceber de que ponto saíram e para qual estão avançando.

Falar de letramento crítico sem falar de autoria é muito difícil. Cada vez mais, os jovens são reprodutores de informações que recebem. Há séculos que a escola mantém esse mesmo formato que não auxilia no protagonismo e criticidade dos alunos. É necessário desenvolver o protagonismo dos alunos. Neste formato, se desenvolve as competências dos alunos de maneira a torná-lo proativo.

(...) o trabalho do professor é o de apoiar na programação das tarefas. O objetivo desse modo de ensinar é libertar o aluno do seu estado de dependência, outorgando-lhe o direito de trabalhar segundo o seu ritmo, seu senso de responsabilidade e iniciativa. No ensino orientado para a resolução de problemas, o aluno ganha força e assume um plano significativo no processo educativo. É ele quem busca respostas para um problema real vivenciado ou identificado por ele e/ou pelo professor. Para a resolução de problemas, o aluno recorre a seus conhecimentos prévios, busca novos conhecimentos e integra-os à situação a ser compreendida. O princípio básico desse modo de aprender reside na consciência de que o aprendizado do ser humano se faz a partir de experiências de seu cotidiano – aprende-se, resolvendo problemas, o que implica atividade, criatividade e enfrentamento de situações novas. (...) (Oliveira; Tinoco; Santos, 2014, p. 43)

As *fake news* e a avalanche de informações também corroboram para isso. É um trabalho dantesco descobrir se a informação é real ou não, já que muitas vezes a verdade vem misturada com a mentira. Desenvolver o letramento crítico poderá dar autonomia na vida social dos discentes. O mundo precisa de pessoas proativas que se posicionem e saibam argumentar e discutir para solucionarem as diversas situações que a vida nos impõe no dia a dia.

5.2 LETRAMENTO DIGITAL PROMOVEDO A SOCIALIZAÇÃO

A promoção do letramento digital é muito importante no período atual. A tecnologia invadiu os lares e é indispensável preparar os alunos digitalmente para conviver na sociedade. Tem-se a falsa sensação de que os discentes, por terem nascido neste período de avanços tecnológicos, possuem bom letramento digital. Fato é que eles possuem mais facilidades do que os professores vindouros de outros períodos. Isso, porém, não os qualifica ou os torna eficientes neste ambiente.

Quantas atividades diárias envolvem a tecnologia? Quais atividades os alunos necessitam para estarem aptos para conviver em sociedade? A escola prepara os

alunos para os eventos sociais diários? É urgente pensar nas perguntas para procurar respostas.

Os alunos conseguem fazer pesquisas eficientes na internet? Decodificam os ícones utilizados nos mais diversos sites, permitindo sua navegação com tranquilidade? Conseguem efetuar inscrições em plataformas online? Sabem buscar a veracidade de informações a partir de novas buscas? Essas são algumas das muitas habilidades que se espera dos discentes, e prepará-los faz parte do papel social do professor. Cabe a ele trabalhar com as ferramentas que possui para promover o letramento digital dos alunos, mitigar diferenças sociais e promover o conhecimento.

Lowry *et al.* (2004, *apud* Pinheiro, 2011, p.228) explicam a EC como prática social que ganha cada vez mais espaço perante a globalização. Justifica-se urgentemente o desenvolvimento dessas habilidades nos alunos.

(...) EC se constitui como prática social que tem ganhado cada vez mais força, pois, ao mesmo tempo em que o processo de globalização aumenta a necessidade de desenvolver atividades colaborativas, em especial no campo dos negócios, a internet, com todos os seus recursos tecnológicos, possibilita esse trabalho colaborativo (Lowry *et al.* 2004, *apud* Pinheiro, 2011, p.228)

A globalização, conjuntamente com as práticas digitais, permitiu diminuir as diferenças regionais no trabalho colaborativo. É possível ter acesso e participar do trabalho de pessoas que sequer se conhece pessoalmente. Distâncias físicas se tornam inexistentes com a tecnologia, e permitir que os alunos enxerguem essas oportunidades pode ser crucial para o desenvolvimento mercadológico dos discentes.

Pinheiro (2011, p.228) defende ainda que o trabalho de escrita em grupo pode fortalecer a “complementaridade de capacidades, de conhecimentos, de esforços individuais, de opiniões e pontos de vista, além de uma capacidade maior para gerar alternativas mais viáveis para a resolução de problemas.” O conhecimento e o amadurecimento adquiridos com esse tipo de prática ficam para a vida, para a constituição do indivíduo.

Uma das maiores reclamações das empresas é a falta de capacidade de trabalho em grupo e a falta de inteligência emocional para lidar com os mais diversos problemas. É possível observar que o conhecimento livresco não supre essa

habilidade, e muitas vezes uma pessoa que domine esta técnica de trabalhar em equipe pode ter uma evolução melhor do que pessoas com alto QI.

Pinheiro (2011) diz ainda que a cumplicidade gerada na Escrita Colaborativa estabelece aos participantes do grupo a criação de objetivos comuns que atendam a todos, permitindo interações e compartilhamento de descobertas. A compreensão mútua da situação permite a negociação dos sentidos atribuídos ao trabalho e validam novos saberes construídos.

6 METODOLOGIA

O presente estudo apresenta uma pesquisa descritiva, qualitativa e transversal sobre produção escrita de artigo de opinião com Google Docs em aulas de Língua Portuguesa do 9.º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual.

Esta pesquisa tem como base teórico-metodológica o desenvolvimento coesivo e argumentativo em Fávero (1991) e Fiorin (2015), por meio do letramento digital em Pinheiro (2011) e Marcuschi (2005), através de ferramenta que propicia a escrita colaborativa no Google Docs.

6.1 LOCAL E SUJEITOS DA PESQUISA

O estudo foi desenvolvido com uma turma de 9º ano da Escola Estadual Lauro Fontoura. A escola atende os alunos no diurno, em tempo integral, e no noturno, com ensino médio regular e Educação de Jovens e Adultos - EJA. São 9 turmas de tempo integral, sendo quatro de fundamental anos finais (6º, 7º, 8º e 9º) e cinco de ensino médio. No noturno, são três turmas de EJA e uma turma de ensino médio regular. O total de alunos atendidos na escola é de 241. Para aplicação da atividade, foram utilizadas a sala de multimeios (para apresentações de artigos de opinião e exercícios de textualização) e sala de laboratório de informática (para desenvolvimento da escrita do artigo de opinião de forma colaborativa). Ambos ambientes ofereceram bom suporte de atendimento aos alunos.

Participou da pesquisa a turma de alunos de 9º ano do ensino fundamental integral da Escola Estadual Lauro Fontoura com trinta e um alunos, sendo que cinco deles não devolveram o Termo de Consentimento do Responsável Legal assinado, por esse motivo não participaram da pesquisa. Ressalta-se que os nomes dos participantes envolvidos na pesquisa foram alterados a fim de preservar a identidade.

Do restante de alunos que assinaram consentindo para a participação, conjuntamente com o responsável legal, dezesseis são meninos e dez são meninas.

A escola não possui dados das famílias quanto à situação socioeconômica, e os alunos não estão fora da faixa etária. É importante ressaltar que a turma veio de um período pandêmico, e a realização da pesquisa se deu justamente no período

em que os alunos voltaram a estudar obrigatoriamente de forma presencial. Observou-se que este período de retorno foi de difícil adaptação. Os alunos estavam bastante dispersos e com dificuldades em se concentrar, já que a escola funciona em tempo integral, e os alunos ficaram estudando em casa por volta de dois anos.

6.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de verificar a consolidação da escrita na etapa de escolarização dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, e para que se possa mensurar os avanços e conquistas, a proposta de intervenção foi dividida em quatro etapas.

6.2.1 1ª Etapa - Escrita Diagnóstica

Na primeira etapa, foi solicitada produção escrita de uma carta argumentativa. O objetivo desta atividade era observar o que os alunos já possuíam da habilidade argumentativa. Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020, p.374) explicam sobre as diferentes formas de avaliar (avaliação diagnóstica, avaliação formativa e avaliação sumativa). Para os autores, a avaliação diagnóstica é uma avaliação preparatória para a aprendizagem. Ela permite ao professor saber o que os alunos sabem e o que ainda precisam aprender. Com estes dados, foi possível traçar estratégias de ensino-aprendizagem.

A carta foi produzida com o objetivo de apontar os problemas que prejudicam a escola e solicitar soluções. Ela deveria ser endereçada ao diretor da escola, e sua escrita, de forma individual. Os debates e as explanações foram feitas com a turma toda e posteriormente os auxílios foram individuais.

6.2.2 2ª Etapa – Artigo de Opinião – Reconhecimento do Gênero

Na segunda etapa, os alunos reconheceram, através de contatos, o gênero artigo de opinião. Para isso, foram apresentados 3 exemplares de artigos de opinião retirados do **Jornal da Manhã** (Anexos A, B e C). Para que o aluno pudesse inferir como foi construída a argumentação e a textualidade nos artigos apresentados, foram propostas atividades com o gênero. Os alunos receberam explicações do que

é tema, tese, argumentação e como é constituído um texto (introdução, desenvolvimento e desfecho).

A partir daí, as atividades com os textos escolhidos foram desenvolvidas na sala de multimeios, para que não houvesse gastos com impressões, e os alunos responderam às seguintes perguntas no caderno:

1. Qual foi o tema deste artigo?
2. Qual foi a tese (ponto de vista) defendida pelo autor?
3. Que argumentos foram usados pelo autor para defender seu ponto de vista?
4. Como ocorreu o desfecho do artigo?

À medida em que os alunos compartilhavam seus apontamentos, a turma era questionada quanto à opinião sobre o tema e os argumentos apresentados (se concordavam ou não e quais outros argumentos poderiam ser usados para defender a tese). Aproveitando o debate, mostrou-se quais palavras foram responsáveis pela remissão do tema e quais possibilitaram a progressão do texto.

Esta etapa tinha a estratégia de ensino da textualização e reconhecimento do gênero artigo de opinião. Bazerman (2020, p.62-75) explica nesta seção do livro como reconhecer um gênero textual: “A maioria dos gêneros tem características de fácil reconhecimento que sinalizam a espécie de texto que são.” Essas características geralmente estão intimamente ligadas com as funções principais ou atividades realizadas pelo gênero. Por isso, o indivíduo é familiarizado com determinados gêneros que concorrem no dia a dia a partir de suas estruturas e funções; porém, alguns gêneros não são do universo diário do aluno, e o artigo de opinião é um deles.

O autor propõe que o ensino do gênero vá além de seus elementos característicos que já são reconhecidos. Para isso, ele propõe que sejam usados, a partir de uma coleção de textos do mesmo gênero, “uma variedade de conceitos analíticos linguísticos, retóricos ou organizacionais menos óbvios”(Bazerman, 2020, p.66). Dessa forma, é possível descobrir se há consistência dentro de um mesmo gênero.

Bazerman (2020) propõe ainda que, para considerar variações em diferentes situações e períodos, pode-se incluir um maior número e uma maior variedade de textos que ainda são considerados do mesmo gênero. O autor ressalta ainda a importância de se obter informações da situação retórica de cada um dos exemplos,

para que se possa analisar como as variações estão relacionadas à diferença na interação. Com isso, a apropriação do conhecimento se dará de forma eficiente.

6.2.3 3ª Etapa – Escrita Colaborativa de Artigo de Opinião por meio do Google Docs

Nesta etapa, antes de partir para a escrita do artigo, os alunos puderam conhecer a ferramenta Google Docs e apropriaram-se dela de maneira intuitiva, descobrindo seus ícones e funções. Tiveram acesso à Plataforma Google Drive e aprenderam a inserir os artigos de opinião buscados na internet.

Neste momento, foi possível observar que os alunos não sabiam pesquisar na internet e ainda não reconheciam o gênero proposto. Para sanar este problema, conforme proposto por Bazerman (2020, p. 67), foi possibilitada a ampliação do gênero através da criação de outra pasta com mais exemplos de artigos de opinião: **A tecnologia mata mesmo os empregos?** Roberto Dias, Folha de S. Paulo, 9 Fev. 2017; **Hábitos digitais estão “atrofiando” nossa habilidade de leitura e compreensão?** BBC News Brasil; **Não podemos aumentar ainda mais as desigualdades do ensino**, por Mozart Neves Ramos.

Os textos citados acima também foram debatidos com os alunos a fim de verificarem as funções construtivas e o contexto de escrita. A partir desta apropriação textual, surgiu como sugestão de tema para a escrita do artigo de opinião algo relacionado ao ensino. Foram propostas várias temáticas, mas, tendo em vista a empatia de todos por assuntos relacionados à escola, como mencionado nas cartas, optou-se pela temática dos problemas da escola para promover o ensino. A escrita colaborativa foi feita por meio da ferramenta Google Docs e contou com a participação de todos alunos da turma.

6.2.4 4ª Etapa - Autoavaliação

Na quarta etapa, os alunos responderam através do Formulário do Google questões para avaliar o que conseguiram absorver das práticas realizadas e se foi positivo ou negativo a experiência conjunta com os outros colegas de turma.

A pesquisadora também avaliou a escrita do artigo de opinião, quanto à introdução, desenvolvimento e desfecho, em especial se houve a explicitação de

uma opinião. Também foram analisados os usos dos elementos coesivos, das propriedades argumentativas, da coerência textual e a apropriação da escrita do artigo de opinião.

O estudo em sala de aula, método de pesquisa-ação, teve duração de um semestre letivo. Ao final das etapas, através dos resultados obtidos, foi confeccionado o Planejamento de Ensino, para aplicação de professores, contendo instruções para aplicação da prática de escrita colaborativa (Apêndice A).

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Responsável Legal foi preenchido no formulário impresso, e vinte e seis pais assinaram. O Termo de Assentimento Livre e Esclarecido foi preenchido em folha impressa, e trinta e um alunos preencheram o documento.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), tendo parecer favorável por meio do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética com o nº 5.377.560 em 29/04/2022.

7 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A seguir, serão apresentados os resultados da pesquisa realizada, a partir do apontamento das diversas questões elencadas. Cada etapa foi indispensável para o resultado final. A primeira etapa permitiu ver o nivelamento dos alunos. A segunda etapa permitiu que os alunos apropriassem do gênero artigo de opinião. Na terceira etapa o artigo de opinião foi construído de forma conjunta, pelos alunos da turma de 9º ano do ensino fundamental. E na quarta etapa os alunos avaliaram a experiência que tiveram.

7.1 RESULTADOS DA 1ª ETAPA- ESCRITA DIAGNÓSTICA

Na primeira etapa, foi desenvolvida uma carta argumentativa, na qual foi analisada a construção individual dos alunos. Nela, o aluno teria que apontar os problemas da escola que julgava ser de importante resolução e requerer uma solução que fosse aplicável. Para solicitar a carta, verificou-se o reconhecimento deste gênero, e por isso foram trazidos três exemplos de cartas argumentativas e solicitado aos alunos o apontamento das principais características que todos os textos apresentavam, fazendo com que eles inferissem o objetivo de se escrever este gênero. A carta ao diretor tinha o propósito de reivindicar melhorias dos pontos frágeis encontrados na escola e que os prejudicava.

Um debate foi realizado a fim de verificar o que os alunos pensavam sobre a escola e o que era necessário para sua melhoria. Desse debate, surgiram várias ideias que foram listadas na lousa. Ao discutir cada uma delas, propusemos que fossem dadas possíveis soluções para cada um dos problemas apontados. Neste momento, algumas reivindicações foram descartadas, por não serem de possível solução pelo diretor ou por já estarem em execução.

Para contextualizar a produção do gênero textual, foi retomado com os alunos o que eles acreditavam que era necessário em um texto para ser chamado de carta. E tudo que eles apontaram foi anotado no quadro. A interação foi grande, e a maioria levantava a mão para opinar.

Explicações do que é introdução, desenvolvimento e conclusão foram deixadas no quadro para auxiliar na escrita. Assim como também foi ensinado como fazer a introdução de uma carta, explicitação e argumentação do problema e como

finalizar, solicitando uma solução para o problema. Os discentes foram atendidos individualmente em suas dificuldades. Na maioria dos atendimentos, observou-se que os alunos já começavam com o desenvolvimento sem se apresentarem, faltando a introdução e a contextualização da carta.

Foi observado que, mesmo sendo um tema no qual os alunos possuíam repertório e interesse, houve grande dificuldade para progressão do texto. Embora os alunos conseguissem desenvolver com habilidade a argumentação oral, possuíam muita dificuldade em elaborar na escrita suas críticas e opiniões. Observou-se, conforme demonstram os textos abaixo, que havia dificuldade em argumentar o porquê seu problema deveria ser resolvido pelo diretor ¹.

Carta 1: aluno Odair

Olá Bruno

Boa tarde, venho por meio desta carta, pedir e listar alguns pontos necessários para nosso colegio, o Lauro Fontoura. Como é de senso comum, as escolas publicas têm muitas mazelas que necessitam de correção, para que assim possamos, melhorar tudo esse cenário. Então, creio e antecipo que se deve ler nossas cartas com a cautela e atenção minuciosa, para poder criar soluções para nossos problemas. Torcendo para minha carta não acabar em alguma pasta no fundo de alguma gaveta, relatarei o meu olhar crítico tanto de aluno quanto de cidadão. Ao meu ver, tenho uma grande lista, mas para não me estender e não repetir o que já é de conhecimento de vocês, vou falar apenas das particularidades do colégio. Podemos notar diversos motivos como os meninos sujando os banheiros quanto masculinos e femininos.

Exemplos: Os chões sujos que tem risco de dar algum tipo de doença ou bacterias.

ass: Odair

15/06/2022

¹ A transcrição dos textos dos alunos é fiel ao original. Textos originais em anexo.

Carta 2: aluno Fernando

Caríssimo Diretor!

Me Chamo Fernando, sou aluno do 9º ano há alguns meses. E venho conversar com o senhor, pois adoro esta escola e pretendo terminar meus estudos aqui. Minha maior vontade é ver esta escola em seus dias de glória.

Venho humildemente apontar alguns problemas estruturais da sala de aula, creio que seja perigoso para os alunos, pois os ventiladores podem cair depois de ligados machucando-os. Além de não atender os critérios do ministério da justiça e da segurança pública.

Por isso solicito a troca dos aparelhos. com uma breve pesquisa achei um ventilador de teto por R\$189,99 e fazendo um calculo simples três aparelhos dariam R\$569,97, e já aproveitando que teremos eventos como festa junina, poderíamos colocar ingressos a um preço bom e arrecadar o dinheiro necessário.

Ass: Fernando

9º ano

Carta 3: aluno Arnaldo

Boa tarde Bruno

Eu vim reclamar de uma professora mentirosa e insuportável chamada Quitéria, ela é muito chata todos da minha sala fala isso, ela também é muito implicante e muito mentirosa, e também fala coisas desnecessárias não sabe dar aula e a solução é que o senhor poderia trocar de professora de geografia trocar a Quitéria pela Maria Joaquina.

ass.: Arnaldo

7.1.1 Análise das cartas argumentativas

Os textos escritos pelos alunos conseguem atingir o gênero carta, porém nem todos são argumentativos. Observa-se que são opinativas, porém o posicionamento argumentativo não é desenvolvido por todos. Saliencia-se que na aplicação da

atividade foram fornecidos atendimentos individuais para confecção do gênero e mesmo assim ainda sobressai a dificuldade de argumentação.

Na carta 1, o aluno demonstra sua insatisfação com os banheiros sujos, não aponta, porém, a causa e a solução para o problema. Na retórica do aluno na manifestação, *“torcendo para minha carta não acabar em alguma pasta no fundo de alguma gaveta”*, há um posicionamento argumentativo que emite um apelo para a leitura da carta.

Na carta 2, o aluno usa de argumentos para provar que seu problema deve ser solucionado, uma vez que “não atende os critérios do ministério da justiça e da segurança pública”. Além de propor soluções, ele as viabiliza trazendo, inclusive, orçamento.

Na carta 3, o aluno mostra indignação, porém ele não consegue argumentar o porquê de seu problema ser de importante resolução. Ele cita que a referida professora é “chata, insuportável e mentirosa”, e não prova o que diz e nem ao menos explica a necessidade de troca de professores da matéria.

Brown e Yule (1983) e Charolles (1987 *apud* Ruiz, 2013, p. 33) explicam que o leitor em geral procura romper com lacunas que os textos tenham para poder entender o sentido e assim promover a comunicação. Já o professor promove uma espécie de como a autora denomina “caça erros”, focalizando nas possíveis “violações” linguísticas cometidas pelo aluno. A autora explica, ainda, que o docente dirige sua atenção para o que o texto tem de “ruim”, não de “bom”. O leitor é cúmplice, ele dá um crédito de coerência ao texto, se empenhando para compreender o que está escrito. Ruiz (2013, p.33) diz ainda que os leitores são empenhados em promover a comunicação; por mais que percebam alguns tipos de desvios cometidos, fazem ponte para procurar o entendimento.

Percebeu-se que a grande dificuldade dos alunos ainda está na argumentação. Essa etapa foi importante para a verificação de dificuldades individuais, com a prática da escrita e os níveis dos alunos. Foi possível observar que na turma havia muita discrepância na escrita. Havia alunos que conseguiam comunicar suas insatisfações, e outros que escreviam de forma superficial. Um dos principais problemas encontrados no atendimento individual é o fato de serem sucintos e irem direto para o ponto, sem se apresentarem ou sem justificarem de forma satisfatória o problema. Salienta-se que nos debates orais houve grande interesse e todos participaram. Gostaram de poder opinar sobre a escola e fazer

propostas, porém houve pouca adesão à atividade escrita, ou seja, somente 17 dos 31 alunos fizeram a referida atividade.

É fato que, por esta atividade ter ocorrido em um período pós pandêmico, a dificuldade na escrita foi agravada. Escrever não é fácil e necessita de prática constante para evolução. É notório que, por mais que os alunos soubessem o que queriam dizer, por mais que opinassem de forma satisfatória oralmente, quando partiram para a escrita, tiveram dificuldades em se expressar.

Outro problema enfrentado nos atendimentos individuais se deu nas sugestões apontadas. Sempre que recebiam sugestões para melhoria da escrita, descartavam a versão produzida e faziam nova redação. Infelizmente, mesmo sendo orientados a não descartarem as versões anteriores, reiniciavam novo documento. Com isso, se alguns problemas eram resolvidos, outros foram criados. Mesmo com tempo suficiente, expandindo o prazo e dando novas oportunidades, nem todos quiseram finalizar a carta.

A avaliação diagnóstica foi muito importante para perceber as dificuldades na expressão escrita dos argumentos; além de permitir observar as dificuldades na progressão textual: cartas sem introdução e com repetições do tema sem a devida progressão. A próxima etapa auxiliou o entendimento de progressão textual a partir de outros textos.

7.2 RESULTADOS DA 2ª ETAPA - RECONHECIMENTO DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO E CONTATO COM A FERRAMENTA GOOGLE DOCS

Para apropriação do gênero argumentativo, foram apresentados três artigos de opinião que foram veiculados no **Jornal da Manhã**, na coluna articulistas, com autoria de Diego Taffarel Silva Ribeiro.

“Até onde se limita a liberdade de expressão?” foi o primeiro texto trabalhado. Ele debate sobre uma fala que incentiva a criação de partidos nazistas. Argumenta sobre a dicotomia: liberdade de expressão versus injúria. O segundo texto, “As pessoas com Deficiência e o Direito Brasileiro.”, discute os direitos garantidos na lei de 2015 e suas falhas na aplicabilidade. Já o terceiro texto, “Racismo x injúria racial: museu de grandes novidades na sociedade brasileira”, fala sobre o ocorrido em um estádio de futebol e como a lei entende essas situações.

Essa etapa foi imprescindível para os alunos entenderem os pontos de vista assumidos pelo autor através dos argumentos (tese), assim como foi construída a textualidade do artigo. Basicamente, as perguntas envolveram como foi desenvolvida a introdução (o que ele utilizou para introduzir o assunto), qual era o tema e a tese do texto, como ele argumentou e solidificou seu ponto de vista e como foi construído o desfecho. Essas análises ocorreram de forma individual, e em seguida as respostas foram debatidas, sendo inseridos, inclusive, os pontos de vista dos alunos sobre os temas abordados nos textos.

Os elementos coesivos também foram apreciados pelos alunos a fim de verificar como se deu a remissão e referenciação do texto. Essa etapa foi fundamental para que os alunos entendessem como funciona a progressão textual, como é possível usar as palavras para sequenciar as ideias e convencer nossos leitores do nosso ponto de vista.

No primeiro texto, os alunos ainda confundiam o tema com a tese e não encontraram claramente a sustentação de ideias, e isso foi solucionado à medida em que foram analisando novos materiais. Para perceberem como foi construída a textualidade, cada parágrafo foi discutido em conjunto.

Os alunos foram levados a observar as palavras que eram responsáveis pela progressão e pela argumentação. O segundo parágrafo inicia-se com um elemento que evidencia sua opinião (modalizador de discurso,) “obviamente” inserindo a frase que deu título ao artigo e que questiona os limites para liberdade de expressão. O terceiro parágrafo é iniciado com uma conjunção que permite a progressão do tema, fazendo a inserção de informações que diferenciam a liberdade de expressão de apologia ao nazismo. Esse tipo de análise foi feita em todo o texto, assim como nos outros artigos de opinião, e contribuiu muito para a consolidação do conhecimento.

No ambiente da sala de informática, os alunos foram convidados a buscarem artigos de opinião para pensarem em um tema e desenvolverem. Este momento foi de descoberta, já que não sabiam fazer upload de arquivos, e constatamos que também não sabiam identificar o veículo em que aparecia o artigo de opinião, assim como o confundiram com outros gêneros. As pesquisas giraram em torno de imagens, sendo adicionadas todas neste formato. Seguem algumas imagens como exemplo:

Figura 1 – Pesquisa do artigo de opinião do aluno Arnaldo



Figura 2 – Pesquisa do artigo de opinião da aluna Amélia



https://proaes.ufra.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=247:21-de-marco&catid=57&Itemid=275

Utilizou-se este momento para explicar um pouco mais sobre o gênero e seus veículos, e foi acrescentada uma pasta com outros três artigos: **1- Não podemos aumentar ainda mais as desigualdades do ensino; 2- Hábitos digitais estão 'atrofiando' nossa habilidade de leitura e compreensão?** e **3- A tecnologia mata mesmo os empregos?** O procedimento realizado com estes artigos foi semelhante ao anterior, leitura e discussão dos temas, observação da formação da textualidade e análise da construção do tema, tese e argumentação.

Todo texto tem um sujeito, um autor (que fala, escreve). Formas, aspectos e sub aspectos que o ato do autor pode assumir. [...]

Dois fatores determinam um texto e o tornam um enunciado: seu projeto (a intenção) e a execução desse projeto. Inter-relação dinâmica desses dois fatores, a luta entre eles que imprime o caráter no texto.(Bakhtin, 1997, p. 330)

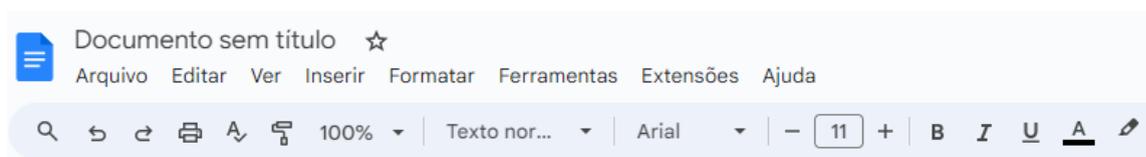
Ao abrir, no drive, os artigos citados acima, os alunos perceberam que era possível alterar o documento, e fizemos uma pausa da análise textual para que eles pudessem conhecer a ferramenta Google Docs. Neste momento, eles interagiram pelo bate-papo, alteraram o documento original e testaram outras funções do Google Docs. Foi permitido que todos pudessem alterar e ambientar-se com a ferramenta. Observou-se que embora os alunos não conhecessem as ferramentas (Google Drive e Google Docs), não houve dificuldades na aprendizagem e manuseio.

No Google Docs, podemos observar a presença de Ícones. Segundo Martins (2019, p. 19), ícone é aquilo que identifica, por semelhança ou motivação: signo. Exemplos: desenhos, mapa geográfico, imagem de fumaça etc.

A teoria de Locke, assim como a de Aristóteles, estrutura-se numa esfera de representação dos signos linguísticos. A própria noção de correlação e simetria entre palavras e ideias para comunicação ser inteligível estabelece um nível de iconicidade entre os signos do falante e os do ouvinte. (Martins, 2019, p.21)

O Google Docs possui ícones que remetem a um significante. Podemos citar o exemplo do ícone que se assemelha à uma impressora, que levará o usuário da ferramenta a uma outra tela que permite configurar a impressão. Temos também a pastinha com uma seta dentro indicando onde ficará salvo o arquivo. A setinha com retorno indica desfazer, e a setinha para direita, de refazer. Neste mesmo design, podemos notar algumas palavras chaves que terão subitens dentro, contendo nome da função com o símbolo do objeto. Ressaltamos aqui, por exemplo, a coluna EDITAR, que contém uma seção com o símbolo em formato de tesoura e escrito “RECORTAR”. As funcionalidades foram testadas, e as dúvidas foram tiradas à medida que surgiam as dificuldades. Salgado e Oliveira (2012, p. 5) explicam sobre as competências trabalhadas durante este tipo de atividade como além do letramento digital.

Figura 3 - Ícones da barra de ferramentas do Google Doc's



Torna-se pertinente ressaltar que o letramento digital não está restrito à leitura de textos virtuais, mas também, a um conjunto de recursos

mediáticos, compostos por sons, imagens, figuras, vídeos, ícones, dentre outros, que servem de auxílio à leitura. [...] Os ícones são signos (ou significantes) que representam seu objeto por semelhança e que geram um interpretante, ou seja, um efeito ou algo criado na mente do intérprete, que assim comporá seu significado. (Salgado; Oliveira, 2012, p. 5)

Depois de debater os temas dos artigos acima citados, notamos maior facilidade dos alunos em abordar assuntos que remetessem à escola. Nos debates, quando o assunto era falar das falhas que encontravam na escola e no ensino, eles se soltavam mais; por isso, foi escolhido o tema que mostrasse o que falta para que o ensino seja bom de qualidade, quais as faltas que existem.

7.3 RESULTADOS DA 3ª ETAPA - ESCRITA DO ARTIGO DE OPINIÃO

Nesta etapa, os alunos começaram a fazer pesquisas e salvar links e documentos no Google Drive para que fossem usados como referência bibliográfica. Percebeu-se que os alunos não tinham o conhecimento de como buscar informações seguras na internet. Assim, foi possível auxiliá-los a buscar sites e documentos relevantes como scielo, google acadêmico e jornais online ².

De posse do material selecionado, os alunos buscavam partes que interessavam e as reproduziam no artigo sem citar o autor. Orientamos, então, que ao copiar parte de um texto sem dizer de quem ele é constitui como crime de plágio, e ensinamos como fazer a citação direta e indireta do autor. Orientamos, ainda, que quando somente colocamos partes de textos, sem emitir o porquê foi selecionado ou não dialogamos com o texto escolhido, constitui falta de autoria, o texto passa a ser um recorte de outros textos. Neste momento, a explicação foi para toda a turma, e houve também atendimentos individuais para colaborar no diálogo com a parte selecionada pelo aluno.

Analisamos a evolução do texto e as colaborações ocorridas entre as versões. Salientamos que, de acordo com o solicitado pelo CEP (Comitê de Ética em Pesquisa), as identidades dos alunos foram preservadas. Para tal, os nomes apresentados no trabalho são fictícios.

² Os links encontram-se listados após as Referências.

O Google Docs apresenta cores diferentes às alterações feitas pelos diferentes participantes. Sendo assim, as cores dos arquivos são originais e representam os colaboradores da pesquisa.³

7.3.1 Análise da 1ª Versão - 23/09/2022

A ferramenta Google Docs possibilita ao professor a verificação do que cada aluno contribui, através de cores que são vinculadas aos diferentes e-mails acessados. Os históricos de versão ficam salvos e é possível acompanhar o crescimento do texto e das colaborações.

Para proteção da identidade dos participantes da pesquisa, os nomes foram alterados. Para inserir a colaboração de cada aluno, seria necessário expor todas as versões do trabalho, detalhando as alterações. Ocorre, porém, que o objetivo final do trabalho não é esse; e, por isso, foi focada no presente trabalho a verificação de alcance nas competências da habilidade escrita argumentativa e da construção de letramentos digitais, a partir da colaboração para construção textual. Optou-se, então, por apresentar duas versões e a versão final, que possibilitam todas as verificações.

Nesta primeira versão, os alunos selecionaram materiais pesquisados que poderiam contribuir para sustentar a tese por eles identificada. Observa-se recortes textuais em um mesmo documento. Aqui, não é possível chamar o produto de texto, já que temos um amontoado de informações desconexas.

Quando estamos diante de um texto, estamos, na verdade, diante de uma rede coerente de ideias articuladas entre si: ideias que pressupõem conhecimentos e interpretação de implícitos e que nos transmitem informações e opiniões. (Machado, 2012, p. 101)

Neste primeiro momento, observa-se que os alunos acreditavam que grande parte da ruptura da educação baseava-se na pandemia, e por isso queriam ligar os problemas de ensino ao advento da pandemia. É importante lembrar que a realização da pesquisa ocorre exatamente no ano em que os estudos voltam 100% presenciais.

Por esse motivo, o título e o enfoque remete às consequências deixadas pela

³ As versões discutidas ao longo do texto encontram-se anexas, assim como a legenda que apresenta as contribuições dos participantes..

pandemia na educação. Com a progressão das versões do texto, esta premissa não é confirmada, já que os problemas abordados pelos alunos são mais antigos que o período pandêmico. Há então uma alteração do título e do enfoque em versões finais do documento.

7.3.2 Análise da 2ª Versão - 27/09/2022

Nesta segunda versão, ocorreram novas inserções de cópias de textos. Percebem-se os ajustamentos e soluções que os alunos fazem para resolver os problemas que vão aparecendo.

Como exemplo de ajustamento dos alunos, observou-se o medo de que os colegas atrapalhassem ou apagassem o tópico que estava sendo escrito. Para resolver o problema encontrado, os alunos colocavam nome no trecho inserido: "Texto do Geraldo" e "Texto do Emerson". Outro ajustamento para que todos pudessem escrever simultaneamente foi feito através de grandes espaços entre os textos. Ressalta-se que os nomes no texto foram alterados para preservar a identidade dos alunos, e os espaços também foram retirados para melhorar a apresentação do trabalho, já que em alguns momentos as lacunas chegavam a ser de uma página.

É importante dizer que a turma teve 10 acessos ao texto através da sala de informática (23/09, 27/09, 28/09, 29/09, 05/10, 21/10, 27/10, 01/11, 04/11 e 11/11). Nestes encontros, desenvolveram a escrita primeiramente salvando o que pesquisaram no corpo do texto, depois parafrasearam e por último uniram as ideias, dando a forma final.

Foi possível verificar a colaboração entre os alunos em diversos momentos da escrita, e o Google Docs permitiu acompanhar a evolução do texto e os compartilhamentos de ideias. A seguir, serão apontados alguns deles a fim de analisar as contribuições dos alunos. É importante ressaltar que as alterações foram feitas concomitantemente:

- a) A aluna Amélia traz partes de texto que fala dos desafios que a pandemia deixou para o ensino, citando a saúde mental, que foi muito atingida;

- b) Olavo insere dados do IDEB como forma de colaboração na melhoria do ensino. Neste trecho, trabalham colaborativamente Maria Eduarda, Olavo e Amélia;
- c) Observa-se alguns títulos de tópicos isolados, fruto de ajustamento feito pelos alunos, já que começaram a escrever em outro Google Docs particular para depois inserirem. Isso ocorreu porque, se duas pessoas digitassem ao mesmo tempo, estando em extremidades do documento, a ferramenta direcionava a página do segundo editor, movendo o texto da pessoa que está envolvida no processo. No Google Docs, para se escrever conjuntamente, é necessário que estejam mais ou menos no mesmo posicionamento do texto ou escrevam em momentos diferentes. O importante neste caso foi a forma como eles se adequaram, fazendo ajustamentos para resolver o impasse;
- d) Geraldo, um dos alunos que fez o ajustamento citado acima, coloca o tópico que acha importante abordar e copia o site em que fez sua busca. Ele resolve então dialogar e construir seu texto em um outro Google Docs para depois compartilhá-lo. Ele entende que o ensino na Suíça é referência e por isso quer abordar o assunto;
- e) Fernando acha importante abordar sobre o protagonismo dos alunos. Ele acredita que isso é fundamental para a melhora no ensino. Salientamos que esse aluno é o representante da classe e, por isso, faz parte do Projeto Protagonismo Juvenil;
- f) Emília quer abordar sobre o uso excessivo das redes sociais pelos alunos e como isso interfere no ensino;
- g) Emerson fez pesquisas sobre o uso de fones nas aulas e o quanto atrapalham. Há de se ressaltar que este aluno usa fones de ouvido na sala de aula com frequência. Interessante que eles gostam de ouvir fones em sala de aula, mas têm consciência de que atrapalha;
- h) Gilberto inseriu sobre a falta de estrutura física e como isso pode impactar na aprendizagem dos alunos.

Os alunos sugeriram que houvesse imagens para que o texto ficasse atrativo e menos cansativo. Nesta versão, houve a inserção de gráficos, em formato de imagens, que contribuíram no trecho da aluna Amélia. No primeiro gráfico, era

apontada qual doença tem porcentagem com maior incidência, posteriormente esta imagem é retirada por não contribuir com o argumento que ela apresentava.

Amélia quis aprofundar no termo “psicossocial”, palavra que era mencionada em seu trecho, porém sairia do foco do trabalho. Como o público alvo eram alunos da mesma faixa etária, poderia ocorrer de outros alunos quererem saber mais sobre o assunto. Por esse motivo, foi sugerido que fosse utilizado o hiperlink para resolver esse problema, já que possibilitaria que os alunos com dúvidas sobre o termo fossem encaminhados a outra página para explorar o assunto. Através de um clique, o leitor é direcionado a outra página. Para Salgado e Oliveira, 2012, p. 4, “Mediante a interação da sociedade no ciberespaço, os usuários têm a necessidade de saber como ler e interpretar o hipertexto que se encontra no meio virtual.”

Marcuschi (2005, p. 185) diz que, “No hipertexto, o centro da coerência passa para o navegador, pois é com ele que está o mouse”. Diz ainda que, se definimos a coerência desta forma, ela assume uma perspectiva interpretativa e não uma propriedade textual. Nesta definição, a coerência é construída no processo da leitura.

Para essas teorias, a coerência é uma propriedade textual que se dá numa particular forma de sequenciar os componentes, organizar a informação e propiciar o acesso ao sentido imanentemente sugerido. Busca-se um máximo de explicitude, investindo extensivamente em padrões tanto gramaticais quanto estilísticos. A língua é vista como uma espécie de instrumento de condução das ideias e o texto é tido como um receptáculo de informações objetivamente sedimentadas e passíveis de serem capturadas com precisão. Embora essa seja uma visão tradicional e admitida largamente pelos livros didáticos e postulada por todos os que defendem a noção de autoria como intangível, os linguistas de texto não mais contemplam essa visão. Para a Linguística de texto, o texto é multinível, multilinear e não contém toda proposta de sentido por insuficiência de explicitude. (Marcuschi, 2005, p.190)

O autor (2005, p.191) defende que os hipertextos aparecem a todo momento na nossa vida, mas alerta que eles podem ser uma “ameaça” à estrutura textual estável. Isso porque eles permitem a “não linearidade, não continuidade, não centralidade e, de modo especial, na possibilidade de interferências do leitor-navegador.” Isso nos remete a momentos em que entramos na rede social com determinado objetivo e de repente somos levados a vários outros textos diferentes do que objetivamos.

Johnson-Eilola (1994, p. 207) e M. Joyce (1995 *apud* Marcuschi, 2005, p. 191) explicam que há vários graus de “ameaça de romper com a coerência” com o uso de hipertextos. Os alunos, ao utilizarem links que remetem a textos que poderiam ser

trilhas ou opções de leitura complementar para explorar o texto desenvolvido, se enquadraram nos hipertextos “exploratórios”. Este grau de ameaça à linearidade é menor, segundo os autores.

Houve interesse dos alunos na produção colaborativa, mas ainda se sentiam inseguros quanto à possibilidade de o colega apagar sua produção. Alguns alunos optaram por abrir outro Google Docs enquanto digitavam para depois compartilhar no documento colaborativo. Ao final da aula, através de comentários na margem do texto, a professora colocou observações para direcionar o texto.

Salientamos que a aluna Emília era uma aluna que frequentemente ficava deitada na carteira e, quando ia participar de alguma atividade, era hostil com os colegas. Na prática colaborativa, ela se desenvolveu bem, auxiliando os colegas e sentindo-se importante com o trabalho. Pinheiro (2011, p. 230-231) justifica esse ganho na interação com a “Consciência de Grupo”.

Ressalta-se que na etapa final, responsável por dar sequenciamento ao texto, nota-se somente a alteração feita por um aluno. A leitura era feita conjuntamente, e cada um ia sugerindo o que acreditava que faltava para que o texto ficasse entendível.

7.3.3 Versão final escrita em 11/11/2022

Problemas do ensino no Brasil

Segundo site Diário Escola, além dos prejuízos de aprendizagem, a [Saúde mental](#) e [Socioemocionais](#) são consequências que estão atrapalhando o desenvolvimento dos alunos de forma exponencial. O número apontado pelos sites assusta muito: dois em cada três estudantes apresentam sintomas de depressão e ansiedade.

O site da revista Exame apresenta dados de 2018 da Organização Mundial da Saúde (**OMS**), no qual o Brasil está no ranking com o 6º lugar de países mais ansiosos. São 18,6 milhões de brasileiros considerados ansiosos, o que representa 9,3% da população. Esse número aumentou consideravelmente na pandemia.

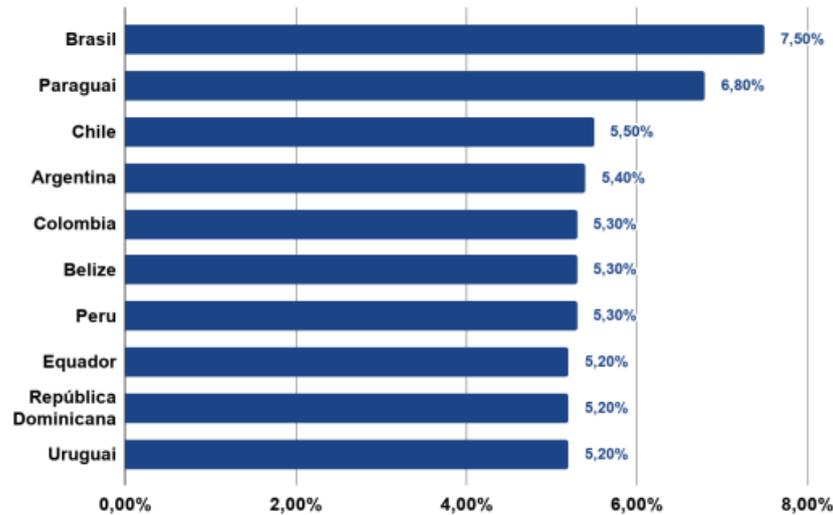


GRÁFICO 2: Os 10 países do continente americano com maiores níveis de ansiedade

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da PAHO, 2018.

O Brasil lidera o ranking de maior número de pessoas com ansiedade na América do Sul, com isso, conseguimos concluir que o Brasil sempre está à frente em qualquer problema quando se trata de "Saúde mental", e isso, se torna preocupante pois entre 2018 e 2022 os índices só aumentaram.

Fatores que atrapalham o desenvolvimento da aprendizagem:

1-Tecnologia amiga ou inimiga dos alunos no processo de aprendizagem?



<https://happycodeschool.com/wp-content/uploads/2020/08/Tecnologia-inimiga-da-educa%C3%A7%C3%A3o-1080x675.jpeg>

Segundo artigo da sociedade de pediatria de São Paulo, as redes sociais são uma opção de mídia em que os usuários podem criar e consumir conteúdo e a informação pode ser compartilhada em diferentes formatos, como texto, cartas digitais, vídeos, áudios ou fotografias. O uso excessivo dessa tecnologia é um fenômeno global e essa prática é mais comum entre os jovens de hoje em dia, esse fato preocupa os profissionais de saúde em razão da influência negativa sobre o comportamento, o qual pode afetar a saúde biopsicossocial do adolescente.

Outro fator que atrapalha é o uso dos fones de ouvido. É impossível prestar atenção no professor e jogar no celular. Sem contar as notificações que distraem a todo momento. Porém vale ressaltar que existem músicas que possibilitam a concentração na leitura e nos estudos.

2- Falta de atenção na escola



<https://i1.wp.com/biosom.com.br/blog/wp-content/uploads/2015/11/D%C3%A9ficit-de-Aten%C3%A7%C3%A3o-e-Hiperatividade.jpg?fit=1170%2C740&ssl=1>

Os principais problemas enfrentados na escola é a falta de atenção dos alunos que pode ser ocasionada pelo desinteresse. A falta de limites dentro e fora da escola contribui bastante para a evolução deste problema. Em alguns casos, a falta de atenção ocorre por problemas com déficit de atenção e hiperatividade. Segundo a Revista *Brasileira de Psiquiatria*, “os estudos nacionais e internacionais situam a prevalência de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH) entre 3% e 6%, sendo realizados com crianças em idade escolar na sua maioria” (2000, p. 7). Vários outros sintomas podem ser considerados indícios de início desse transtorno. Esse problema, quando identificado, poderá ser facilmente resolvido com ajuda médica e intervenção medicamentosa.

Segundo o site jornal da USP, as dificuldades de prestar atenção a detalhes ou errar por descuido em atividades escolares e de trabalho e envolver-se em tarefas que exijam esforço mental, e ser facilmente distraído por coisa alheia e apresentar esquecimentos em atividades.

3- Falta de Infraestrutura e do sistema educacional



https://lh3.googleusercontent.com/proxy/-ShsM445ETXXJLSU45anHuaOQ8Oxs5G-3JUO9W2i52wqIP1HKE7pWgamNHal-I67PSVif0D9FOJZGIq5v7gB-9piTH6HCUQrvXb_uLtc_wds9Nt4Xe4iQ6-a-cY=w1200

A falta de estrutura também contribui para a falta de atenção. Salas pequenas e numerosas são frequentes.

Sem contar que os moradores da zona rural enfrentam diversos obstáculos para chegarem à escola. Falta de transportes ou quando possuem são ineficazes.

Não faz parte do cenário brasileiro salas equipadas com computadores ou internet. Livros e materiais didáticos também não são realidade em todas as escolas públicas.

O sistema educacional está falhando, estudos revelam que de cada quatro alunos que concluem o ensino fundamental, três saem sem saber ler, escrever e fazer as quatro operações matemáticas (adição, subtração, divisão e multiplicação). É preciso reavaliar o sistema de ensino brasileiro. Para tanto podemos nos valer de práticas exitosas em outras localidades.

Mais de 180 mil escolas e o uso de tecnologia não é realidade em muitas delas. E isso ocorre por falta de estrutura e falta de formação docente. O Censo Escolar 2018 divulgou que, entre as escolas de ensino médio do país, 15% não têm acesso à banda larga. Além disso, 21,9% não têm laboratório de informática e 4,9% não têm acesso a qualquer tipo de internet. Percebe-se que as políticas públicas não dialogam com as necessidades da comunidade escolar.

4 - Apatia e falta de Interesse- Consequências.



https://webstudy.pt/wp-content/uploads/2017/03/iStock_72380759_LARGE.jpg

Estudam apontam que a falta de interesse dos alunos gera falta de desejo em aprender. Segundo RUDEL (2007, p.35), “um impulso não satisfeito em tempo leva ao surgimento de uma tensão que caracteriza o desejo”. Sem esse impulso inacabado não existe o desejo em aprender. Os alunos apontam vários problemas que causam apatia e desinteresse.

Isso ocorre principalmente porque não houve evoluções na forma de ensinar, sendo que é a mesma que foi utilizada na educação dos nossos avós. A competição é desleal já que os alunos possuem um mundo muito mais atrativo no próprio celular. A tecnologia não deve ser inimiga e sim aliada do ensino. Aulas interativas podem mudar este cenário.

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) quer apresentar às escolas e ao mundo, alunos capazes e preparados para brilharem no mundo e serem destaques no mercado de trabalho. Por isso ela propõe o projeto de aluno protagonista desde a Educação infantil até o ensino médio.

Essa proposta da BNCC é muito exitosa porque desperta interesse. É um estilo de ensino autônomo onde dão mais atenção e ênfase ao ensino dos jovens, usando de diversos artifícios e recursos para que interessem os alunos e façam com que os alunos se esforcem para de fato aprender a matéria e não apenas memorizando-a.

Para possibilitar a tomada de decisões dos alunos, que é um ponto-chave no protagonismo, os professores podem estimular debates, votações e o desenvolvimento das competências latentes.

Outra proposta para despertar o interesse e acabar com a apatia dos alunos é promover a sala de aula invertida. Nela os alunos são ouvidos e é a partir de seus relatos e experiências que os professores mediam o ensino. Os mediadores não devem dar respostas arbitrárias e imediatas aos alunos sem incentivá-los a buscarem as respostas, proporcionando assim a compreensão daquele assunto ou tema.

É importante instigar debates entre os alunos sobre determinado tema para que desde cedo eles aprendam a se comunicar e argumentar com alguém que tenha um ponto de vista diferente do seu, além de fazer eles conversarem e chegarem a alguma resposta satisfatória.

Desta forma os alunos terão que lidar além da sua opinião, com a dos outros colegas, chegando a uma resposta que agrade a todos sem nenhum impasse. O importante é fazer os alunos se sentirem os protagonistas principais deste meio de aprendizagem, e isso será empregado em experimentações e erros.

Todos esses métodos podem ajudar que os alunos desenvolvam desejo em aprender, rompendo com a apatia e o desinteresse. O ser humano é único e não existe por isso não existe uma receita para todos. É necessário testar para ver qual é a melhor forma de apresentar o conteúdo fazendo com que esse aluno se desenvolva.

7.3.3.1 Análise da versão final - 11/11/2022

Os três primeiros parágrafos abordam o argumento de que a saúde mental e socioemocional atrapalham o desenvolvimento dos alunos. Em seguida, são enumerados fatores que também atrapalham nesse processo. As divisões do tema facilitam a visualização do documento, tornando-o mais atrativo. As linguagens não verbais também contribuíram no entendimento do texto. Para Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020, p. 257), “As comunicações visuais não são apenas reproduções das

percepções visuais de uma pessoa, mas também atos de previsão, atos de imaginação.” Dizem ainda que isso impactará de diferentes formas o leitor, conforme vivências individuais.

O artigo foi subdividido em itens, a saber:

1-Tecnologia amiga ou inimiga dos alunos no processo de aprendizagem?

2-Falta de atenção na escola.

3-Falta de infraestrutura e do sistema educacional.

4-Apatia e falta de interesse - consequências.

Ao examinar o primeiro parágrafo, é dito: “(...) **além dos prejuízos de aprendizagem, a Saúde Mental e socioemocional são consequências que estão atrapalhando os alunos de forma exponencial.** O conector "além" reforça não somente a ideia de adição, mas traz consigo uma argumentação. Há nesta palavra a ideia de que mais coisas estão atrapalhando os alunos. Ainda neste enunciado, há problemas semânticos. A palavra “consequências” poderia, sem prejuízo, ter sido retirada, já que seu sentido não completa a ideia apresentada. Outro problema ocorre com a ausência do termo “falta” antes dos termos “saúde mental e sociomocional”. Devemos ressaltar que o leitor dedicado a compreender o texto cobre estas lacunas e chega com facilidade ao entendimento do que quer ser dito.

O primeiro fator, elencado no item “1- Tecnologia amiga ou inimiga dos alunos no processo de aprendizagem?”, foi pesquisado por mais de um aluno. Emerson pesquisava como o uso de fones de ouvido podiam auxiliar na aprendizagem, enquanto Emília pesquisava como poderia ser prejudicial. Emerson é um aluno que faz muito uso de celular e queria provar que não atrapalha, já Emília acreditava ser um fator prejudicial. Quando optamos por falar somente sobre a problemática envolvida na aprendizagem escolar, Emerson quis ressaltar que algumas músicas podem relaxar e ajudar na concentração. Por esse motivo, o título desse primeiro fator foi modificado, permitindo o aguçamento da curiosidade do leitor.

Ainda neste mesmo item 1, observaram-se elos coesivos que permitiram a progressão temática. Termos como “dessa tecnologia”, “essa prática” e “outro fator” retomam o tema e auxiliam na progressão. Já com o termo “É impossível”, verificamos juízo de valor que contribui na argumentação, convencendo o leitor do quão prejudicial é o uso de jogos no celular no momento da explicação do professor.

No item “2- Falta de atenção na escola”, os alunos quiseram provar que o desinteresse é o maior responsável por essa falta de atenção, e que a falta de

limites dentro e fora da escola é o principal culpado de existir esse problema. Palavras que emitem valor evidenciam que os alunos acreditavam que esse problema era o mais grave. “**Os principais problemas enfrentados** na escola é a falta de atenção (...)”; porém, a segunda tese que é iniciada com “**Em alguns casos**”, e que se refere à associação de problemas com déficit de atenção e hiperatividade, foi desenvolvida no restante do parágrafo. Eles não se detêm muito na explicação da falta de limites, tampouco buscam bases para solidificar seus argumentos. Quando justificam a falta de atenção nos referidos problemas com déficit de atenção e hiperatividade, utilizam o termo “Em alguns casos”, mas buscam dados relevantes para provar a gravidade do problema.

No item “3- Falta de infraestrutura e do sistema educacional”, a frase de início, “A falta de estrutura *também* contribui para a falta de atenção”, com a ajuda do elemento coesivo “também”, fará a conexão com as ideias defendidas no item 2. Fiorin (2015, p. 36-40) justifica que, além do papel coesivo que essa palavra desempenha, ela promoverá uma inferência semântica. O vocábulo corrobora para que seja entendido que falta de estrutura pode influenciar na falta de atenção, servindo como um elemento argumentativo.

Na frase seguinte, “Salas pequenas e numerosas são frequentes”, observamos a inferência lógica que permite relacionar ao que foi citado na frase anterior. Seguindo a teoria argumentativa de Fiorin (2015, p. 32-35), podemos fazer análise de que as salas pequenas e numerosas constituem como falta de estrutura, e a falta de estrutura contribui para a falta de atenção; logo, esse fator pode influenciar na falta de atenção.

No segundo parágrafo, o elo coesivo “sem contar que” auxilia a ligar os problemas evidenciados na zona rural à falta de estrutura. Já os parágrafos seguintes não possuem palavras coesivas, porém, a progressão é garantida pela manutenção do tema “falta de infraestrutura e sistema educacional “

É possível observar na sentença “O sistema educacional está falhando, estudos revelam que de cada quatro alunos que concluem o ensino fundamental, três saem sem saber ler, escrever e fazer as quatro operações matemáticas (adição, subtração, divisão e multiplicação).”, quando foi dito “estudos revelam”, que a fonte da informação foi ocultada, não especificando como foi feito o estudo ou por quem foi feito.

A afirmação conta com um número muito alarmante: de três entre **quatro** alunos saindo do fundamental sem saber ler e escrever. Por ser um número tão alto, a argumentação ganharia confiança do leitor se tivesse sido explicitado de onde provieram os dados, retirados do site da **Globo**, o **G1**⁴. O site apresenta a pesquisa de uma doutora em psicologia e educação, pela USP, que fez pesquisas durante cinco anos em escolas públicas de São Paulo. Isso mostra a relevância dos dados e a importância da mudança no sistema de ensino.

No último parágrafo do item 3, o aluno Ernani, conjuntamente com o aluno Matias, inseriram dados do Censo de 2018, parafraseando com um artigo publicado no site jornalístico **O Globo**. Neste parágrafo, foi inserido somente uma frase autoral, e por isso os alunos deveriam ter citado o site, a fim de mostrar que as ideias não eram deles. Há de se ressaltar que a questão da autoria, da citação direta e indireta foi amplamente explicada, assim como o que acarreta quando deixa-se de mencionar que a ideia apresentada não é sua.

O item 4- “Apatia e falta de interesse - consequências” inicia com uma argumentação inferida por lógica. “Falta de interesse *gera* falta de desejo em aprender”. Essa afirmação é seguida de comprovação feita por citação, e o conectivo “Sem esse impulso” liga as duas frases apresentadas. A última frase desse primeiro parágrafo termina fazendo uma anáfora quando é dito que “Os alunos apontam *vários problemas* que causam apatia e desinteresse.” No termo “vários problemas”, percebe-se que será apresentada a seguir a opinião dos alunos.

O próximo parágrafo, no qual é dito “Isso ocorre principalmente”, faz uma ligação imediatamente ao parágrafo anterior, utilizando a palavra “principalmente”, que contribui argumentativamente para ser dito que a falta de evolução na sala de aula é o mais importante pressuposto da afirmativa. Neste mesmo parágrafo, os autores remetem ao item 1, afirmando que “A tecnologia não deve ser inimiga (...)”, e termina o parágrafo reforçando o que foi falado no início do parágrafo quanto às aulas serem iguais desde “nossos avós”, propondo como solução “aulas interativas”.

O terceiro parágrafo é ligado ao quarto com o conectivo “Essa proposta da BNCC”, remetendo ao que estava sendo explanado e permitindo a progressão do tema. Fernando, aluno protagonista da escola, quis defender a ideia de acordo com o que ele vivenciou na unidade. Observa-se que o adjetivo “muito *exitosa*” emite juízo de valor do autor, que considera a prática positiva para si mesmo.

No quinto parágrafo, ainda desse item 4, os autores indicam formas de incentivar os alunos a se tornarem protagonistas através de “debates, votações e desenvolvimento das competências latentes.”

O sexto parágrafo é inserido através do elo coesivo “outra proposta”, que conecta a ideia da “sala de aula invertida”. O restante do parágrafo é a explicação por definição do termo sala de aula invertida, conectado através do elo coesivo “nela”.

O sétimo parágrafo do item 4 retoma o tema do quinto parágrafo, deste mesmo item, no qual são sugeridas formas para o incentivo de alunos protagonistas. Aqui, os autores justificam a importância do debate para fortificação do ser humano. O parágrafo inicia com a palavra “É importante”, dando juízo de valor ao que será dito.

No oitavo parágrafo, o tema continua sendo a importância do debate, e para isso foi utilizada a expressão “ Desta forma” para dar prosseguimento ao que estava sendo dito. Para finalizar esse parágrafo, os autores mais uma vez utilizam o termo “*É importante* fazer os alunos se sentirem protagonistas principais *deste meio de aprendizagem*, (...); porém, aqui ele é utilizado para ligar as ideias de debate às de protagonismo. Observa-se que “deste meio de aprendizagem” refere-se à aprendizagem proporcionada pelos debates que irão promover o protagonismo.

O último parágrafo começa com o termo “Todos esses métodos”, fazendo referência ao que foi sugerido no decorrer deste item. Na última frase, os autores explicitam que “É necessário testar para ver qual é a melhor forma de apresentar o conteúdo fazendo com ele se desenvolva”. Com essa afirmação, eles retornam à tese defendida no segundo parágrafo, na qual se compara a educação atual à “dos nossos avós”

Nesta última versão, o texto foi lido em voz alta, cada vez por um aluno, e o aluno Fernando foi responsável em fazer as adequações sugeridas pelo restante da turma. A regra geral é que o texto ficasse claro, e portanto cada um fazia sua contribuição para que esse objetivo fosse alcançado. O que garantiu a atenção de todos foi o fato de não saberem quem seria o próximo a continuar a leitura.

A escrita de autor único do grupo ocorre quando uma pessoa é responsável por escrever em nome de toda a equipe. Segundo os autores, essa estratégia é comumente usada quando o consenso nos resultados da escrita não é tão importante para os membros do grupo. Nesse caso, a escrita de autor único é também considerada como um tipo de EC porque envolve uma equipe que trabalha em prol de um consenso coordenado,

refletido num documento que é escrito por um dos membros. Nesse caso, a interação entre os integrantes do grupo ocorre somente para se chegar a um consenso acerca do que um dos integrantes irá escrever. (Pinheiro, 2011, p.229)

Foi possível perceber que, embora não sabiam as regras gramaticais, conseguiam fazer sugestões a fim de sanar os problemas. O texto conta com alguns problemas gramaticais, porém consegue-se entender a proposta dos alunos sem grandes dificuldades.

Pinheiro (2011, p. 230) define também a escrita feita a partir de múltiplas mãos. Essa estratégia foi utilizada pelos alunos no primeiro momento, nas primeiras versões. Posteriormente foi utilizada a segunda estratégia, também apontada pelo autor, e que consiste em utilizar um único membro do grupo para a escrita, contando com a colaboração de todos os demais membros auxiliando nas ideias para a promoção da progressão textual. As estratégias complementam.

7.4 RESULTADOS DA 4ª ETAPA - AUTOAVALIAÇÃO

Os alunos responderam um questionário pelo *Google Forms* apontando o que aprenderam e quais foram as dificuldades encontradas. Essa etapa foi importante para verificação de aproveitamento da proposta e ajuda na autocrítica. O discente pôde dizer se considerou a escrita em colaboração, através de um meio digital, um facilitador ou dificultador para obtenção de êxito na comunicação escrita argumentativa.

- 1.O que é tema?
- 2.O que é tese?
- 3.Para que usamos a argumentação no artigo de opinião?
- 4.Sua experiência em escrever o artigo de opinião na sala de informática foi – positiva / negativa / não sei opinar
- 5.Justifique sua resposta anterior

Considerando que as atividades terminaram no final do ano, época em que os alunos começam a ter faltas significativas, poucas pessoas responderam ao questionário. Seguem algumas respostas extraídas do questionário:

Houveram muitos pontos positivos que puderam ser apresentados durante a formação do artigo de opinião, em sua grande maioria sendo o fato de ser um trabalho que demonstrou a nossa habilidade de trabalhar em equipe, como também a importância dos artigos de opinião (GOOGLE FORMS, 2022)

(...) por que a gente aprendeu dar pontuação nos nossos textos, nossas conversas etc, a gente aprendeu argumentar e da nossa opinião. (GOOGLE FORMS, 2022)

(...) achei foi bom que todo mundo participou de tudo (GOOGLE FORMS, ANO)

(...) os artigos de opiniao minfluenciam a entender o texto melhor” (GOOGLE FORMS, 2022)

7.4.1 Avaliação do artigo de opinião

Quanto à escrita final do artigo de opinião, conclui-se que houve êxito nos objetivos da construção do gênero. Ao utilizar as duas metodologias de escrita colaborativa, propostas por Pinheiro (2011, p. 229-230), foi possível constatar a progressão das ideias, assim como sequenciamento de assuntos com o uso de elos coesivos e palavras que emitem juízo de valor. A primeira estratégia contou com a escrita a várias mãos, o que permitiu a participação de todos. Na segunda estratégia, aplicada nas versões finais, o texto era escrito por um dos membros da equipe e contava com a participação na emissão de sugestões e ideias.

O segundo tipo de estratégia de EC é a escrita em sequência, em que um dos membros do grupo começa a escrever um texto e cada um dos demais membros complementa a tarefa, inserindo também suas contribuições no texto inicial até chegar ao documento desejado. As vantagens desse tipo de escrita são a organização mais simplificada do grupo e, conseqüentemente, uma melhor coordenação para a distribuição das tarefas de escrita. Quanto às desvantagens, os autores chamam a atenção para o fato de essa estratégia, contrariamente à primeira, criar uma falta de consenso no grupo em função de diferentes ideias dos integrantes. Além disso, pode ainda ocorrer uma sobreposição de textos dos participantes subsequentes sem que haja um certo controle do texto. (Pinheiro, p. 229-230)

A investigação cumpriu com o objetivo de aplicar a proposta de escrita aos alunos de forma colaborativa. Os professores acumulam grande fluxo de trabalho extraclasse e com essa sobrecarga nem sempre conseguem trabalhar a escrita e reescrita com os alunos. O principal desafio do professor de Português é fazer com que os alunos se comuniquem de forma satisfatória por meio da escrita. E como fazê-lo sem a prática? Este estudo viabiliza a prática da escrita sem que seja gerado material para ser corrigido em casa. Com ele, também é possível atingir várias habilidades propostas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o 9º ano do ensino fundamental. Nela, é discutida a necessidade de formar leitores críticos que saibam se posicionar diante das situações sociais. Nesse mesmo documento orientador, é previsto também que as práticas de linguagem não só envolvem gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, assim como

sejam abordadas novas formas de produzir, configurar, disponibilizar, replicar e interagir.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível perceber a evolução dos alunos na apropriação da habilidade de argumentação. Observamos que os alunos aprenderam a pesquisar em sites confiáveis com materiais relevantes. Para sustentação das ideias, utilizaram boas referências, parafraseando com o material buscado. Observamos também que houve um engrandecimento da colaboração e da socialização entre a turma.

Acreditávamos que os alunos estavam bem preparados nestes ambientes virtuais, mas observamos que nossos colaboradores na pesquisa não são letrados digitalmente nos ambientes virtuais de construção de saber, tais como: realizar buscas e pesquisas com fontes confiáveis, manipular ferramentas do pacote office e sua versão online no Google. Desenvolver esta habilidade nos alunos auxilia nas práticas sociais, pois o discente deve utilizar este conhecimento na sua vida cotidiana. Há de se ressaltar que, segundo o último IBGE, dados de 2021, 90% dos lares brasileiros possuem internet. O que tornou viável e necessário a difusão de escrita colaborativa.

A proposta possibilitou, ainda, que os alunos tivessem acesso ao universo digital. Aprenderam a salvar arquivos no *Google Drive*, assim como a edição e o compartilhamento pelo Google Docs. Aprenderam a criar hiperlinks e inserir imagens no documento. Aquela impressão que se tem de que o aluno é naturalmente letrado digitalmente por nascer envolto a tantas tecnologias é um "mito". E proporcionar aos alunos o desenvolvimento do letramento digital através da escrita foi um ganho social muito relevante.

Esta atividade, além de contribuir com o letramento digital, possibilitou aos alunos a construção de conhecimento de mundo e aprendizado em buscas, bem como ajudou a desenvolver o trabalho em grupo, permitindo que aprendessem a respeitar a opinião do outro, cedendo, quando necessário. Os sujeitos desta pesquisa são resistentes a trabalhos em grupo, porém, na atividade de intervenção, houve mudança desse comportamento, uma vez que apresentaram ótima colaboração, apresentando grande desenvoltura.

A prática da escrita colaborativa fez com que os alunos sentissem-se importantes e responsáveis pelo documento, propiciando autonomia e protagonismo. Foi possível observar as contribuições individuais e o crescimento dos alunos com

essa atividade, afinal eles propunham as alterações e as resoluções para os problemas. Eles conseguiram evidenciar o fruto do que eles mesmos sugeriram.

A principal contribuição deste estudo foi a socialização e o trabalho em equipe, que resultou na construção de um artigo único. A consolidação do respeito à opinião do outro e a contribuição nas ideias e pensamentos também foram muito positivas. O texto progrediu à medida em que um dava ideia e outro auxiliava na elaboração. As adaptações e resoluções de problemas foram muito interessantes, mostrando maturidade nas discussões da turma. Ser ouvido, opinar e criticar o sistema educacional e a instituição de ensino fizeram com que eles refletissem sobre o assunto e sobre a realidade vivida na escola pelos estudantes.

O desapontamento por não conseguir elaborar textualmente o que pretendia dizer foi desaparecendo à medida em que os alunos conseguiam colaborar com sentenças ou palavras. O texto foi escrito a muitas mãos, e é interessante observar como eles se tornam críticos quando são ouvidos e falam sobre o mesmo tema, ajudando na construção da ideia. Eles se sentem importantes em realizarem uma tarefa com êxito, e essa ferramenta permite que eles se auxiliem, proporcionando autoestima e proficiência na escrita. A atividade restabeleceu a autoconfiança e o sentimento de capacidade.

Elaboramos um Planejamento de Ensino para ser aplicado por professores. O referido planejamento objetiva que outros professores possam aplicar a atividade de escrita colaborativa, a partir de atividades que não acarretam sobrecarga de trabalhos extraclasse, permitindo a integração e socialização, assim como a promoção do letramento crítico e digital dos alunos.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Antônio Suárez. **Lições de Letramento**. São Paulo: Giostri, 2021.
- ABREU, Maria Teresa Tedesco Vilardo. O ensino da produção escrita e as práticas de letramento. *In*: CAMARA, Tania Maria Nunes de Lima *et al.* **Língua portuguesa: tradições e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2019 p.135-148.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 2 ed. São Paulo: Fontes, 1997
- BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Angêla Paiva Dionisio (org.), Judith Chambliss Hoffnagel (org.), Judith Chambliss Hoffnagel (tradução) - 2. ed - Recife: Pipa Comunicação, Campina Grande: EDUFPG, 2020. 250 p. ISBN 978-65-87033-14-3
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- COLELLO, Silvia de Mattos Gasparian. **A escola que (não) ensina a escrever**. São Paulo: Paz e Terra, 2007
- COSTA, Tamara Cristina Penha da. *et al.* Linguagem Humana: uma análise sobre a escrita. **Revista Criar Educação**, Criciúma - SC, v. 1, n. 1, 2012 Trabalho apresentado no IIª Edição especial do II Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação, Criciúma-SC, 2016. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.18616/ce.v0i0.2843>. Acesso em: 27 maio 2023.
- FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática, 1991
- FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015
- GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997
- GOULART, Cecília Maria Aldigueri. O conceito de letramento em questão: por uma perspectiva discursiva da alfabetização. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, 9(2), 35–51, 2014. Disponível em : <https://doi.org/10.1590/S2176-45732014000200004>. Acesso em: 23 maio 2023.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2022**. Disponível em Internet já é acessível em 90,0% dos domicílios do país em 2021 | Agência de Notícias. Acesso em 20 set. de 2023.
- KALANTZIS, Mary; COPE, Bill; PINHEIRO, Petrilson. **Letramentos**. Campinas SP: Unicamp, 2020.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. O texto na linguística textual. *In*: BATISTA, Ronaldo de Oliveira (org.). **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016 p. 31-44.

MACHADO, Cristina de Amorim. **Tradução científica em língua portuguesa: o caso da Origem das espécies de Charles Darwin**. Tradução em Revista: Rio Janeiro, 2019 p. 59-84. Disponível em <https://doi.org/10.17771/PUCRio.TradRev.40466>. Acesso em 17 de setembro de 2023.

MACHADO, Daniela Zimmermann. Referenciação. *In*: COSTA, Iara Bemquerer; FOLTRAN, Maria José (org.). **A tessitura da escrita**. São Paulo: Contexto, 2012. p.101-123. ISBN: 978-85-7244-782-9.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A coerência no hipertexto. *In*: COSCARELLI, Carla Viana, RIBEIRO, Ana Elisa (org.). **Letramento Digital: Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Editora Ceale, 2005. cap. 10, p. 185-207.

MARTINS, Ana Lúcia Monteiro Ramalho Poltronieri. Dos conceitos de ícone ao fenômeno discursivo da iconicidade. *In*: CAMARA, Tania Maria Nunes de Lima. *et al* (org.) **Língua Portuguesa: tradições e modernidade**. São Paulo: Editora Parábola Editorial, 2019. cap. 01, p. 19-30.

NEGREIROS, Mônica Martins; ANDRADE, Valéria. Práticas de leitura e escrita na internet: um exercício constante da linguagem. *In*: AIRES, José Luciano de Queiroz *et al* (org.). **Cultura da mídia, história cultural e educação do campo**. João Pessoa - PB: Editora Universitária da UFPB, 2011. ISBN: 978-85-7745-933-9. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/30279>. Acesso em: 18 set. 2023

OLIVEIRA, Maria do Socorro; TINOCO, Glícia Azevedo; SANTOS, Ivoneide Bezerra de Araújo. **Projetos de letramento e formação de professores de língua materna**. 2. ed., Natal: EDUFRN, 2014. 116 p. Disponível em: <http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/1/11787/1/E-book%20Projetos%20de%20letramento.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2014

PINHEIRO, Petrilson Alan. **A escrita colaborativa por meio do uso de ferramentas digitais: ressignificando a produção textual no contexto escolar**. Calidoscópico Vol. 9, n. 3, p. 226-239, 2011 by Unisinos - doi: 10.4013/cld.2011.93.07

RUIZ. Eliana Donaio. **Como corrigir redações na escola**. São Paulo: Contexto, 2013.

SALGADO, Maurílio Nogueira.; OLIVEIRA, Viviane Batista de. **A importância do ícone para o ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa através das tecnologias da informação**. *In*: SIELP, 2012, Uberlândia-MG. **Anais eletrônicos [...]**. Uberlândia-MG: EDUFU, 2012. v. 2, 2237-8758. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_222.pdf. Acesso em: 24 maio 2023.

Seguem links compartilhados pelos alunos em suas buscas na internet:

1. **Site diário escola:**
[<https://diarioescola.com.br/desafios-pos-pandemia/#:~:text=Os%20desafios%20p%C3%B3s%20pandemia%20precisam,dentre%20os%20desafios%20p%C3%B3s%20pandemia>].
2. **Site PROESC:** 5 modelos de educação que você precisa conhecer! - Proesc Blog
3. **Site Brasil Escola:** Educação no Brasil. A Atual Situação da Educação no Brasil
4. **Site Secretaria de Educação do Paraná:** <https://www.educacao.pr.gov.br/>
5. **Site IBGE:**
<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28286-necessidade-de-trabalhar-e-desinteresse-sao-principais-motivos-para-abandono-escolar>
6. **Conexia educação:** <https://blog.conexia.com.br/aluno-protagonista/>
7. **Plataforma Eleva:**
<https://blog.elevaplataforma.com.br/qualidade-na-educacao-escolar/>
8. **Canal do ensino:**
<https://canaldoensino.com.br/blog/45-sugestoes-para-melhorar-a-educacao-no-brasil>
9. **Portal Diversa:** Participação das famílias na elaboração de propostas escolares
10. **SciELO Brasil:** <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2022/40/2020420>
11. **G1 - Globo:** 'Fracasso escolar é o fracasso do sistema educacional', diz especialista - notícias em Educação
12. **Jornal USP:** O problema da falta de atenção na escola – Jornal da USP
13. **Brasil Escola UOL:** As dificuldades do ensino e aprendizagem no Ensino Fundamental I
14. **PÓS PUC PR digital:** Modelo biopsicossocial: o fim da separação entre saúde física e mental.
15. **Plataforma Super autor:** Alunos com dificuldade de concentração: como lidar com este desafio?
16. **Correio Brasiliense:**
https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ensino_educacaobasica/2013/06/25/ensino_educacaobasica_interna,373237/estudo-revela-motivos-para-o-desinteresse-de-estudantes-pelo-ensino-medio.shtm
17. **Fundação Roberto Marinho:** Abandono do ensino médio volta a crescer em 2021
18. **HCOR- Hospital do Coração:** 6 problemas que você terá se usar o celular por muito tempo - Hcor
19. **OXFAM Brasil:**
<https://www.oxfam.org.br/blog/ acesso-a-educacao-no-brasil-os-desafios-da-luta-pela-igualdade>
20. **Site PROESC:** 5 modelos de educação que você precisa conhecer!
21. **PUC PR:** Afinal, estudar ouvindo música ajuda ou prejudica o aprendizado? - PUCPR
22. **SCIELO:** Transtorno de Déficit de Atenção / Hiperatividade (TDAH): orientações para a família
23. **Site Terra:** Conheça a educação Suíça ao redor do mundo

24. Site O Globo:

<https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/educacao-360/falta-de-estrutura-de-formacao-impede-tecnologia-nas-escolas-23510040>

APÊNDICE A - PLANEJAMENTO DE ENSINO

ESCRITA COLABORATIVA DE ARTIGO DE OPINIÃO NO GOOGLE DOC'S

Público-alvo: Alunos do 9º ano do ensino fundamental

Justificativa: Tendo em vista a necessidade de multiletramentos nos alunos de rede pública de ensino, justifica-se a aplicação da escrita do artigo de opinião colaborativamente em ambiente virtual a fim de desenvolver habilidades sociais, críticas e de letramento digital.

Tema: O ensino no Brasil.

Objetivo geral: Apresentar uma proposta da escrita colaborativa, objetivando atingir a competência discursiva por meio da escrita de artigo de opinião, visando a conduzir o aluno a refletir sobre as estratégias no uso de tecnologias digitais para o desenvolvimento da habilidade crítica dos alunos.

Duração: 22 aulas de 50 minutos cada

Desenvolvimento: A atividade será desenvolvida em 4 etapas, sendo elas: 1ª etapa - sondagem da escrita argumentativa individual; 2ª etapa - Construindo saberes sobre o Gênero Artigo de Opinião e conhecendo a Ferramenta Google Docs; 3ª etapa - Conhecendo a ferramenta Google Docs; e 4ª etapa - Construção do artigo de opinião.

1ª etapa: sondagem da escrita individual

Tempo estimado: De 4 a 6 aulas

Nesta primeira etapa, ocorre a verificação do nível individual de escrita argumentativa do aluno. Para isso, deve-se solicitar uma carta argumentativa aos discentes. Para que os alunos possam escrever, precisa-se de apropriação do gênero. Podem ser lidos alguns exemplos de cartas argumentativas e solicitá-los que apontem o que viram em comum nas cartas observadas.

Após leitura das cartas, o professor questionará quanto às características comuns nas cartas e anotarás no quadro a fim de facilitar a assimilação do gênero textual. O tema deverá ser escolhido pelos alunos para que eles tenham facilidade em discutir o assunto, apontando problemas e possíveis soluções. Todas as

sugestões devem ser anotadas no quadro. "Problemas na minha escola que prejudicam o aluno" pode ser uma sugestão de tema, caso tenha dificuldades em elegê-lo.

Com o tema escolhido e sabendo de maneira geral aspectos do gênero carta argumentativa, os alunos farão a construção do texto de forma individual. Esse material servirá para análise das propriedades de escrita dos discentes. O objetivo principal é diagnosticar se este aluno consegue se comunicar com autoria e clareza. Esta etapa é indispensável para sabermos de onde partimos, de como se encontra a etapa de escrita do nosso aluno.

As cartas são avaliadas quanto à clareza e como foi construída a argumentação. É necessário que o aluno saiba expressar suas insatisfações e propor soluções viáveis. Elas serão apresentadas à turma, digitalmente, através de multimídia, e os alunos farão as propostas de alterações para correção.

Carta argumentativa exemplo 1:

"Piatã, 25 de agosto de 2015.

Caro vereador Juliano Silva e Silva,

Como é sabido por todos, neste mês, a educação de nossa cidade tem passado por diversos desafios, com impacto em diversos setores, desde os professores e alunos, até os gestores e profissionais técnicos da educação.

Diante de tal situação, ocorreu-me, como professora efetiva e servidora pública, escrever a presente carta, no intuito de alertar para a urgência das questões, bem como sugerir caminhos para amenizar o problema.

A merenda escolar é um serviço essencial para o fortalecimento, qualidade e permanência dos estudantes, principalmente nas escolas públicas, as quais atendem a uma diversidade de alunos, com realidades, algumas vezes, muito precarizadas, de modo que a merenda escolar torna-se a refeição de certas crianças.

Essa condição, por si só, já é triste e denunciativa de uma desigualdade social existente na realidade de nossa cidade, mas querer diminuir ou retirar a merenda escolar, nesse contexto, é ainda pior.

O que faremos com todas as crianças com fome? De onde elas retirarão nutrientes suficientes para crescer, desenvolver-se e, conseqüentemente, aprender? Além disso, que tipo de governante propõe retirar verba das merendas escolares como “solução” para problemas econômicos? E quando a vida perdeu tanto valor?

Peço, portanto, diante de tudo que está posto, que retire seu projeto antes da votação na Câmara.

Certo de sua reconsideração, diante dos argumentos aqui apresentados, despeço-me cordialmente.

Profª. municipal Marlene Santos e Santos”

fonte: <https://www.preparaenem.com/portugues/carta-argumentativa.htm>

Carta argumentativa exemplo 2:

Salvador, 29 de abril de 2014

Excelentíssimo Senhor Ministro da Educação,

Ao analisarmos os diversos problemas enfrentados pelos brasileiros, percebemos que a educação apresenta-se como um dos mais graves. Apesar da queda do analfabetismo na última década, ainda assumimos uma posição vergonhosa no “ranking” latino-americano.

Essa questão torna-se complexa, pois está relacionada a diversos problemas nacionais como a desigualdade na distribuição de renda, a exploração do trabalho infantil, dificuldades no acesso às escolas, exploração sexual de crianças e adolescentes, perfazendo um conjunto de tristes realidades, que separam cada vez mais, as famílias em situação de vulnerabilidade social do sistema regular de ensino.

As deficiências no processo de ensino-aprendizagem também merecem atenção, principalmente nos primeiros anos escolares. Metodologias de ensino inadequadas, carências de recursos humanos e materiais, péssimo sistema de transporte escolar, além de baixos salários, são elementos importantes que contribuem para a evasão escolar e para a má qualidade do serviço prestado.

Diante de tal situação, precisamos, ainda, percorrer um árduo caminho para que possamos ter um país que veja a educação com a seriedade merecida. Sendo assim, a valorização do magistério, a informatização das escolas, a capacitação

profissional, além de um melhor planejamento dos recursos aparecem como estratégias importantes, para transformar o Sistema Educacional em um serviço eficiente e eficaz.

Atenciosamente,

Fonte: <https://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Carta-Argumentativa/52159439.html>

Carta argumentativa exemplo 3:

Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1954

Brasileiros,

Mais uma vez, as forças e os interesses contra o povo coordenaram-se e desencadeiam-se sobre mim. Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam; e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo e principalmente os humildes.

Sigo o destino que me é imposto. Depois de decênios de domínio e espoliação dos grupos econômicos e financeiros internacionais, fiz-me chefe de uma revolução e venci.

Iniciei o trabalho de libertação e instaurei o regime de liberdade social. Tive de renunciar. Voltei ao governo nos braços do povo.

A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se à dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho. A lei de lucros extraordinários foi detida no Congresso. Contra a Justiça da revisão do salário mínimo desencadearam-se os ódios.

Quis criar a liberdade nacional na potencialização das nossas riquezas através da Petrobras, mal começa esta a funcionar, a onda de agitação avoluma-se. A Eletrobrás foi obstaculada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre, não querem que o povo seja independente.

Assumi o governo dentro da espiral inflacionária que destruía os valores do trabalho. Os lucros das empresas estrangeiras alcançavam até 500% ao ano. Nas declarações de valores do que importávamos existiam fraudes constatadas de mais de 100 milhões de dólares por ano. Veio a crise do café, valorizou-se nosso principal produto. Tentamos defender seu preço e a resposta foi uma violenta pressão sobre a nossa economia, a ponto de sermos obrigados a ceder.

Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo e renunciando a mim mesmo, para defender o povo que agora se queda desamparado. Nada mais vos posso dar a não ser o meu sangue. Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida.

Escolho este meio de estar sempre convosco. Quando vos humilharem, sentireis minha alma sofrendo ao vosso lado. Quando a fome bater à vossa porta, sentireis em vosso peito a energia para a luta por vós e vossos filhos.

Quando vos vilipendiarem, sentireis no meu pensamento a força para a reação.

Meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será a vossa bandeira de luta. Cada gota de meu sangue será uma chama imortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência. Ao ódio respondo com perdão. E aos que pensam que me derrotam respondo com a minha vitória. Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas esse povo, de quem fui escravo, não mais será escravo de ninguém. Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue terá o preço do seu resgate.

Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na história.

Getúlio Vargas

2ª etapa – Construindo saberes sobre o Gênero Artigo de Opinião e conhecendo a Ferramenta Google Docs

Duração: de 12 a 14 aulas

Embora acreditem que os alunos são proficientes na tecnologia e que eles apropriam com muita facilidade, quando falamos de pacotes office nem sempre isso é realidade. Por esse motivo, eles devem ser apresentados a esta ferramenta, deixando com que experimentem os recursos que ela oferece. As possibilidades de interação e construção conjunta devem ser exploradas. Mostrar como ocorre o compartilhamento dos documentos também é importante.

Nesta etapa, o aluno deverá saber reconhecer o gênero que será trabalhado. Para tanto, devem ser apresentados alguns textos desse gênero. Seguem alguns exemplos que foram trabalhados com os alunos.

Artigo de opinião exemplo 1

Até onde se limita a liberdade de expressão?

Nos últimos dias, fomos surpreendidos com uma terrível declaração de um dos apresentadores do *Flow Podcast* que para muitos era tido como referência no segmento. No episódio em que entrevista o deputado federal Kim Kataguiri e a deputada federal Tabata Amaral, o youtuber e apresentador Monark disse a seguinte frase: “Eu acho que tinha que ter um partido nazista reconhecido pela lei”. E argumentou: “A esquerda radical tem muito mais espaço do que a direita radical; as duas tinham que ter espaço”.

Obviamente, a fala ganhou notoriedade em todos os meios de comunicação; artistas, entrevistados do canal, comunidade judaica e outras autoridades passaram a se manifestar sobre o assunto e um antigo dilema voltou a repercutir nas mesas de debate. “Até onde se limita a liberdade de expressão?”.

Pois bem, primeiramente, devemos entender que liberdade de expressão é totalmente diferente de apologia ao nazismo. A Lei 7.716 de 1989 em seu artigo 20 apresenta a seguinte redação: “Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”. E mais adiante trata como crime “veicular emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica ou gamada, para fins de divulgação do nazismo”.

O enquadramento da fala do apresentador neste tipo de crime está gerando grandes discussões e divergências no mundo jurídico, apesar de que, ao se dizer a favor da criação de um partido com ideologias que devastaram a humanidade, com assassinatos em massa, automaticamente estamos diante de um ato de incitação e indução à discriminação, principalmente a saber o alcance em que o podcast possui, superando três milhões de inscritos no canal.

Infelizmente, muito se confunde acerca da liberdade de expressão e as pessoas tendem cada vez mais a “achar” que podem fazer ou falar qualquer coisa por conta do acesso às redes sociais, porém, não encontrei frase melhor para fechar esse artigo do que a própria fala da deputada entrevistada: “Liberdade de expressão termina onde a sua expressão coloca em risco a vida do outro”.

Apologia ao Nazismo é crime e ser a favor da volta ou da criação de partidos com esse tipo de ideologia é desumano.

Autor Diego Taffarel Silva Ribeiro.

Fonte: Até onde se limita a liberdade de expressão? -

<https://jmonline.com.br/articulistas/diegoribeiro/ate-onde-se-limita-a-liberdade-de-express-o-1.9000>

Exemplo 2 - ARTIGO DE OPINIÃO: As Pessoas com Deficiência e o Direito Brasileiro

Não é novidade para a população que as pessoas com deficiência necessitam de cuidados especiais e específicos em nosso cotidiano. Cuidados estes referentes à melhor estrutura nas vias das cidades, nas calçadas, nos acessos a prédios, casas, hotéis, bem como na educação e saúde.

Sendo assim, em 2015, foi sancionado o Estatuto da Pessoa com Deficiência, que foi responsável por garantir um leque de Direitos e garantias à essas pessoas. Pessoa com deficiência, segundo o próprio Estatuto, é aquela que possui algum tipo de restrição física, mental ou sensorial, de natureza permanente ou transitória, que

limita a capacidade de exercer uma ou mais atividades essenciais da vida diária, causada ou agravada pelo ambiente econômico e social.

Muitos podem fazer o seguinte questionamento. “O termo mais correto não seria Pessoa Portadora de Deficiência?”

Pois bem, já foi pacificado que este não é o melhor termo para se referir à essas pessoas, tendo em vista que a deficiência não é provisória e sim permanente e transitória, conforme o próprio Estatuto define. Feita esta consideração, se faz importante elencar quais os benefícios que esta nova Lei trouxe para as pessoas com deficiência. O primeiro aspecto a ser levado em consideração é o texto referente à Educação.

O Estatuto garante a proibição de qualquer tipo de “taxa extra” em matrículas e mensalidades pagas por alunos com deficiência, sendo possível inclusive a aplicação de pena de 02 a 05 anos de prisão para aquele que infringir esta regra. Aliás, as famosas “cotas” também entraram no Estatuto, sendo, portanto, determinado que 10% das vagas devem ser destinadas a estas pessoas, além da obrigação do Poder Público de garantir acesso escolar de forma igualitária. Além disso, prevê também a reserva de vagas para pessoas com deficiência no mercado de trabalho (o que deveria acontecer até mesmo sem o estatuto), incluindo no serviço público.

No que diz respeito ao acesso à saúde, a Lei prevê que o Poder Público deve oferecer de forma satisfatória serviços especializados em reabilitação e até mesmo habilitação, além de acesso a hospitais e tratamento domiciliar. Também garante o acesso às atividades esportivas, culturais e de lazer. Vale lembrar que a Pessoa com Deficiência possui direito de isenção de alguns impostos e taxas na compra de carros novos, tais como IPI, IOF, ICMS, dentre outros, além de benefícios assistenciais. Com isso, cabe a seguinte reflexão. Apenas em 2015 esta Lei foi sancionada. E antes disso? Como essas pessoas eram tratadas?

O certo é que temos muito a evoluir, tendo em vista que todos somos iguais (ou pelo menos deveríamos ser tratados assim) perante a lei e mais ainda, esses

direitos e benefícios deveriam existir há muito tempo e não apenas de alguns anos para cá, assim como a sua aplicabilidade deveria ser real.

Autor Diego Taffarel Silva Ribeiro

Fonte: As Pessoas com Deficiência e o Direito Brasileiro -
<https://jmonline.com.br/articulas/diegoribeiro/as-pessoas-com-deficiencia-e-o-direito-brasileiro-1.147>

270

Exemplo 3 - ARTIGO DE OPINIÃO: Racismo x injúria racial: museu de grandes novidades na sociedade brasileira

No último fim de semana, em partida válida pelo campeonato brasileiro da série B, o jogador Celsinho, do Londrina, foi ofendido por um membro da diretoria do Brusque, com os seguintes dizeres, segundo a arbitragem: “Vai cortar esse cabelo seu cachopa de abelha”.

O mais cruel de toda essa história é que tais práticas ocorrem o tempo todo em todos os cantos do mundo, por isso o título do presente artigo “museu de grandes novidades”, parafraseando Cazuza.

Mas e aí? Onde entra o Direito nisso tudo?

O Direito entra, primeiro, na distinção entre “Racismo e Injúria Racial”.

Pois bem, as principais diferenças podem ser definidas da seguinte forma: enquanto o racismo é um ato direcionado a todo um grupo social, ou seja, um número indeterminado de vítimas, como por exemplo, proibir determinadas pessoas de entrarem em locais comerciais.

Já a injúria racial pode ser definida como ofensas de conteúdo discriminatório direcionadas a pessoa determinada, como foi o caso do jogador Celsinho, citado no início deste texto.

Sendo assim, o crime de injúria racial está previsto no artigo 140, § 3º do Código Penal Brasileiro e, também, na Constituição Federal, definido como inafiançável e passível de pena de reclusão de 1 a 3 anos e multa; podendo ser aumentada como, por exemplo, quando ocorrer na presença de várias pessoas, ou

por meio que facilite a divulgação da calúnia, difamação ou da injúria. Por exemplo, o estádio de futebol é cercado por várias pessoas e por câmeras que transmitem a partida de futebol para todos os cantos do planeta.

Feitas as distinções entre estes crimes, deixo uma reflexão: Em tempos onde a tecnologia, as cidades, os países e a criação de vacinas avançam, os “inventores” de todas essas parafernálias continuam insistindo em retroceder, praticando preconceito contra seus semelhantes. Até quando?

Autor Diego Taffarel Silva Ribeiro

Fonte: Racismo x injúria racial: museu de grandes novidades na sociedade brasileira - <https://jmonline.com.br/articulistas/diegoribeiro/racismo-x-injuria-racial-museu-de-grandes-novidades-na-sociedade-brasileira-1.40039>

Exemplo 4 - NÃO PODEMOS AUMENTAR AINDA MAIS AS DESIGUALDADES DO ENSINO

Mozart Neves Ramos

Como resultado da pandemia do novo coronavírus, da noite para o dia milhões de estudantes de todo o Brasil deixaram de ir à escola.

Em consequência, as instituições de ensino se viram na necessidade de oferecer um currículo online, incluindo tanto atividades síncronas como assíncronas.

A Covid-19 descortinou a enorme desigualdade educacional em nosso país. Milhares de estudantes não têm acesso a smartphones e à internet de boa qualidade, o que os impede de acompanhar as aulas por aplicativos, por exemplo.

Certamente, no retorno às aulas presenciais, os estudantes vão chegar com níveis de aprendizagem bastante díspares —e mesmo aqueles que melhor tiverem desenvolvido as aprendizagens esperadas nestes meses de pandemia chegarão abaixo do esperado.

Assim, este não é o ano para avaliar aquilo que tradicionalmente esperaríamos dos estudantes. Não vamos esperar que eles tenham, por exemplo, aprendido a estrutura das mitocôndrias.

[x]

Mas, certamente, este será o ano no qual os estudantes desenvolverão como nunca habilidades tais como abertura ao novo, cultura digital, criatividade e colaboração, entre outras, que são tão importantes para viver neste século 21.

Não ter desenvolvido as aprendizagens esperadas não deve ser motivo para reprovação escolar, pois a pandemia já vai provocar consequências muito graves nos campos social e econômico, como a redução da atividade econômica e o consequente aumento de desempregados, especialmente entre as famílias mais vulneráveis.

O risco de crescimento de abandono escolar é real, em particular entre os jovens de 15 a 17 anos. Em São Paulo, atualmente 26,5% dos jovens não concluem o ensino médio, e a evasão reduz em R\$ 7 bilhões a remuneração de uma geração de jovens, custando à sociedade paulista cerca de R\$ 17 bilhões por ano, segundo estudos do economista Ricardo Paes de Barros.

A saída não seria, por outro lado, uma aprovação automática sem levar em conta os eventuais déficits de aprendizagem —mas ter a capacidade de pensar e agir de outro modo neste ano afetado pela Covid-19.

Em primeiro lugar, é preciso fazer uma ampla avaliação diagnóstica dos estudantes quando do retorno às aulas presenciais —saber o que cada um aprendeu e desenvolveu ao longo desses meses de pandemia, e dar maior assistência àqueles que tiveram baixo aproveitamento, ou até nenhum, das aprendizagens básicas esperadas. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) pode ser um elemento importante para esse diagnóstico.

A esses estudantes, o contraturno deveria ser preferencialmente oferecido. Esses novos tempos nos empurra a pensar fora da caixa. Por que não pensar numa escola de tempo integral de atividades híbridas? Um dos turnos escolares se daria

presencialmente, e o outro através de atividades não presenciais, mas ambas articuladas com o projeto pedagógico da escola.

Por fim, nas medidas necessárias para não deixar nenhum estudante para trás, é preciso alinhar os esforços deste ano atípico aos de 2021. Não consigo imaginar 2020, enquanto planejamento escolar, sem articulá-lo intimamente a 2021, inclusive para incorporar algumas das aprendizagens que não tiverem sido completamente desenvolvidas em 2020.

Precisamos ter bom senso, pois reprovar estudantes em um ano de pandemia significa aumentar ainda mais a crise social e econômica pela qual vamos passar. É hora de acolher nossos estudantes e professores com doçura e carinho no retorno às aulas.

Folha de S. Paulo, 29 Maio 2020. Disponível em
<https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/05/com-a-pandemia-os-alunos-da-rede-publica-deveriam-ser-aprovados-automaticamente-sim.shtml?origin=folha>

Exemplo 5- **HÁBITOS DIGITAIS ESTÃO 'ATROFIANDO' NOSSA HABILIDADE DE LEITURA E COMPREENSÃO?**

Neurocientista explica que, como leitores cada vez mais digitais e desatentos, podemos comprometer nossa capacidade de entender textos complexos, de desenvolver empatia e de pensar criticamente.

Por: BBC News Brasil 25/04/2019

https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/04/25/habitos-digitais-estao-atrofiando-nossa-habilidade-de-leitura-e-compreensao.ghtml?fbclid=IwAR0X9VWkttVIE18hhzB23Q3ZjEQEnf314AS_8zLZy1kD4oIV1IkKRR52Q-M6ams

A neurocientista cognitiva americana Maryanne Wolf costuma ser abordada, em suas palestras e aulas, por pessoas que se queixam de não conseguir mais se concentrar em textos longos ou "mergulhar" na leitura tão profundamente quanto conseguiam antes.

"As pessoas estão percebendo que algo está mudando em si mesmas, que é seu poder de leitura. E há um motivo para isso", diz Wolf.

A razão, segundo a pesquisadora da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), é que o excesso de tempo em telas - celulares e tablets, desde a

infância até a vida adulta - e os hábitos digitais associados a isso estão mudando radicalmente a forma como muitos de nós processamos a informação que lemos.

Segundo um livro de Wolf prestes a ser lançado no Brasil (O Cérebro no Mundo Digital - Os desafios da leitura na nossa era; ed. Contexto) e algumas pesquisas sobre o tema, o fato de lermos cada vez mais em telas, em vez de papel, e a prática cada vez mais comum de apenas "passar os olhos" superficialmente em múltiplos textos e postagens online podem estar dilapidando nossa capacidade de entender argumentos complexos, de fazer uma análise crítica do que lemos e até mesmo de criar empatia por pontos de vista diferentes do nosso.

Tudo isso tem o poder de impactar desde a nossa performance individual no mercado de trabalho até nossa tomada de decisões políticas e a vida em sociedade.

Mas o que acontece com a leitura no nosso cérebro, e o que podemos fazer a respeito?

O circuito da leitura

Wolf, que é diretora do Centro de Dislexia, Aprendizagem Diversa e Justiça Social da UCLA, explica à BBC News Brasil que, ao contrário da visão e da linguagem oral, a habilidade de ler e interpretar letras e números não é algo com que nascemos: a leitura é resultado de um circuito que os seres humanos começaram a criar no cérebro cerca de 6 mil anos atrás.

Esse circuito cerebral começou a se desenvolver quando nossos antepassados passaram a contar cabeças de gado e a criar símbolos para fazer seus primeiros registros escritos. E evoluiu, em (relativamente) pouco tempo, até a elaborada capacidade que temos hoje, de processar argumentos, sutilezas e emoções impressos nas páginas de livros e jornais.

"Não existe, portanto, um circuito genético para ler, que se desenvolva logo que uma criança nasce", explica Wolf à BBC News Brasil.

"(A habilidade de) ler é algo que precisa ser criada no cérebro, e o circuito vai refletir a linguagem que a pessoa usa, seu sistema de escrita, e o meio pelo qual lê."

Ou seja, esse circuito é moldado pela forma como lemos e pelo tempo que gastamos na leitura. Como os hábitos digitais atualmente favorecem uma leitura pouco aprofundada, em que apenas passamos os olhos por textos diversos, o

perigo, diz Wolf, é que a habilidade de entender argumentos complexos - sejam eles presentes em um contrato legal, em um livro, em uma reportagem mais longa - pode ser "atrofiada" caso não seja exercitada.

Em um cenário de leitura apenas superficial, "o circuito da leitura no cérebro não vai alocar tempo suficiente para um processamento cognitivo" necessário para um processamento crítico, diz a acadêmica.

"Ao apenas 'passar os olhos' em um texto, a pessoa passa por cima da argumentação, dos pontos mais sofisticados do texto, e receberá menos da substância de pensamento que é importante para a análise crítica."

Tempo de tela

A preocupação principal de Wolf e de acadêmicos como ela é o que acontecerá com as gerações mais jovens, habituadas desde os primeiros anos de vida a passar horas nos celulares e tablets e a consumir ali toda a sua informação, com rapidez e diversas distrações.

Embora muito se fale dos riscos que o excesso de tempo passivo diante de telas pode causar para a saúde infantil - dos problemas de visão à obesidade -, só agora a ciência começa a explorar o potencial impacto dos hábitos digitais sobre o poder de leitura e a concentração dessas crianças no futuro.

Uma meta-análise feita por estudiosos da Espanha e de Israel analisou dados de 171 mil pessoas na Europa, coletados entre 2000 e 2017, para comparar a compreensão de leitura dos participantes nos meios digital e papel.

O estudo diz que ainda é difícil chegar a conclusões absolutas, porque o desempenho das pessoas é "inconsistente", mas identificou o que chama de "inferioridade da tela": a leitura digital parece não favorecer as habilidades de compreensão dos leitores, e o processamento das informações é mais "raso" nesses meios online.

O que acontecerá no futuro ainda é difícil prever. O estudo levanta a possibilidade de as vantagens da leitura no meio impresso se perderem ao longo do tempo.

Já Maryanne Wolf teme que, em vez disso, as pessoas percam aos poucos as capacidades de leitura que levamos milênios para desenvolver no nível atual.

"É isso o que me preocupa nos mais jovens: eles estão desenvolvendo uma impaciência cognitiva que não favorece (a leitura crítica)", diz a acadêmica.

"Deixamos de estar profundamente engajados no que estamos lendo, o que torna mais improvável que sejamos transportados para um entendimento real dos sentimentos e pensamentos de outra pessoa."

É nesse aspecto que Wolf acredita que a "leitura rápida" pode reduzir a nossa capacidade de sentir empatia pelos demais ou de superar mais limites de conhecimento. E também dificultar o nosso entendimento sobre o que está acontecendo na política, na economia ou em qualquer outro fenômeno social complexo, que exija uma leitura cuidadosa e que tenha causas - e soluções - não simplistas.

"As pessoas ficam muito mais suscetíveis a fake news e demagogos que criam falsas expectativas", opina ela.

Outra possível consequência é que diminua nossa capacidade de pensar mais criticamente e de levar em conta diferentes pontos de vista, habilidades consideradas cada vez mais importantes no mercado de trabalho à medida que empregos que exigem menos capacitação vão sendo automatizados.

O psicólogo Daniel Goleman, que também estuda esse assunto, alerta para o que chama de "atenção parcialmente contínua" - citando, por exemplo, participantes de seminários que, de olho em seus celulares e notebooks, não conseguem prestar atenção plena ao que diziam os palestrantes do evento.

O perigo, diz ele, é que percamos parte da nossa habilidade de chegar ao fim de leituras e de tarefas offline.

É preciso ser realista

No entanto, os pesquisadores concordam que não adianta querer evitar o inevitável: as pessoas leem cada vez mais online e de modo rápido, e isso certamente não mudará em um futuro próximo.

"Está claro que a leitura em meios digitais é uma parte inevitável das nossas vidas e uma parte integral do campo da educação", diz a meta-análise europeia.

"Ainda que os resultados atuais indiquem que a leitura em papel deva ser preferida à leitura online, não é realista recomendar que se evitem os dispositivos digitais. No entanto, ignorar os resultados de um robusto efeito de inferioridade da tela pode (...) impedir que leitores se beneficiem plenamente de suas capacidades de leitura e que crianças desenvolvam essas habilidades."

Wolf lembra, ao mesmo tempo, que são inegáveis os benefícios da internet e da leitura online para democratizar e agilizar a transmissão de informação. Para ela, o primeiro passo é termos consciência do que está acontecendo com nossa capacidade de leitura.

"Quero reforçar que não vejo isso como uma questão binária, como uma oposição (entre telas e material impresso). Temos apenas de saber qual o propósito do que estamos lendo e qual é a melhor forma de fazê-lo. Não se trata de escolher um meio em detrimento do outro, mas sim entender o que está acontecendo com nosso cérebro e entender o propósito do que se está lendo", diz a pesquisadora.

"Se eu precisar ler algo simples e superficial, a tela é ótima. Mas se for algo complexo, que necessite de um olhar sob diferentes perspectivas, em que precise discernir o verdadeiro valor da informação, então tenho de pensar se o meio vai promover o processamento mais lento e profundo de uma análise crítica."

Como incentivar a leitura crítica

Não há, diz ela, uma receita universal para preservar nossa habilidade de leitura crítica, mas sim a necessidade de prestar atenção a nossos próprios hábitos e aos das crianças.

Para algumas pessoas, bastará concentrar-se em uma leitura sem distrações - mesmo que seja online - e manter o olhar atento para múltiplas perspectivas e pontos de vista. Outros talvez precisem ter a autodisciplina de limitar seu tempo diário diante das telas, para ter o que ela chama de "vida digital mais saudável", além de retomar o hábito de ler livros impressos.

E, para crianças e adolescentes, eis algumas recomendações do livro de Wolf:

- Ensinar a evitar o "multitasking". A realização de múltiplas tarefas simultaneamente online dá aos jovens a capacidade de lidar com múltiplos fluxos de atenção, mas cria dependência de dopamina (que recompensa o cérebro por buscar constantes estímulos) e desestimula a memória;
- Proteger o tempo ocioso das crianças, ou seja, não deixar que todo momento de ócio vire desculpa para usar telas. É no ócio que nasce a criatividade;
- Ler livros para as crianças, antes mesmo de elas começarem a falar. Isso estimula conexões neurais, a atenção recíproca entre pais e filhos, a

experiência tátil dos livros e é, diz ela, o "começo ideal para uma vida de leitor". Wolf faz coro com especialistas que sugerem que crianças com menos de 2 anos não devem ser expostas a telas;

- Entre dois e três anos, limitar a no máximo meia hora o tempo diário de tela. Para os maiores, limitar a duas horas diárias. Wolf acha que não adianta proibir totalmente as telas, porque isso só causará mais obsessão por elas. O jeito é buscar equilíbrio;
- Sobretudo entre 2 e 5 anos de idade, cercar as crianças de lápis coloridos, livros, números e música, que estimulem a criatividade e a exploração física do meio. O aprendizado de música e de esportes também ajuda a ensinar disciplina e recompensas de longo prazo.

Por fim, ela lembra que muitas crianças conseguem manter a conexão com os livros mesmo acessando tablets e celulares com moderação. "O importante é estimular a formação de uma mente curiosa", escreve ela. "A formação cuidadosa do raciocínio crítico é a melhor maneira de vacinar a próxima geração contra a informação manipuladora e superficial, seja em texto (de papel) ou em telas."

Exemplo 6 -A tecnologia mata mesmo os empregos?

Roberto Dias, Folha de S. Paulo, 9 Fev. 2017

O paulistano que chega à catraca do ônibus com dinheiro na mão corre o risco de pregar um susto involuntário no cobrador. Fazê-lo trabalhar na era do Bilhete Único expõe ainda mais a obsolescência da profissão —só 6% das viagens envolvem cédulas e moedas.

Apesar da obviedade, sucessivas administrações fracassaram em acabar com a função. Como mostrou a **Folha**, a atual gestão faz novo ensaio, com uma transição: as viagens em dinheiro ficariam mais caras.

Os cerca de 20 mil cobradores de São Paulo representam 10% do custo do sistema. Mais dia, menos dia, perderão o emprego. As corporações podem até retardar, mas não barrar o avanço tecnológico. Isso é ruim?

Para quem fica sem trabalho, claro que sim. Mas a tecnologia não é necessariamente esse ceifador de empregos que tanta gente pinta.

Fez barulho um trabalho da consultoria Deloitte que defendeu o contrário. Ao olhar mais de um século de dados de emprego na Inglaterra, os autores concluíram que "a tendência de contração do emprego na agricultura e na manufatura tem sido superada pelo rápido crescimento nos setores de cuidados médicos, economia criativa, tecnologia e negócios". Nessa transição, as máquinas assumem só as tarefas mais repetitivas.

A variável chave dessa troca é a educação, capaz de reverter a resultante da força tecnológica, evitando que ela impulse o desemprego e a desigualdade. Por trabalhoso, esse aspecto acaba frequentemente sublimado no debate.

Um exemplo: apenas alguém preparado pode se valer da explosão das ferramentas de produção e transmissão de fotos e vídeos para criar um negócio. Mas esse conhecimento técnico não era pré-requisito para o despertador humano, sujeito que, antes da disseminação do aparelho, ia de casa em casa cutucando as pessoas pela janela para acordá-las. Hoje nem nos piores pesadelos alguém deve sentir falta desse profissional.

Primeiramente o professor deve mostrar, através da leitura de texto, como foi construída a textualização e quais estratégias o autor utilizou para promover sua argumentação e convencimento. Distinção entre tema e assunto é importante ser ressaltado também. Nos textos seguintes o aluno deverá anotar em seu caderno as seguintes informações:

1- Qual é o tema do texto?

2- Qual é o assunto?

3- Quais argumentos utilizou para convencer o leitor de seu ponto de vista? O que usou para sustentar sua argumentação?

Debates são muito produtivos para que os alunos consigam atingir a competência em inferir os mecanismos utilizados. A quantidade de textos utilizados vai depender do andamento da turma, já que cada uma evolui de uma forma. O

professor deve ter sensibilidade para verificar quando o aluno conseguiu absorver os conhecimentos.

3ª etapa: Construção do artigo de opinião:

Duração: de 4 a 6 aulas

Assim como foi feito com a escrita da carta argumentativa, o tema também será escolhido pelos alunos que deverão opinar de acordo com sua realidade e vivência. As sugestões podem ser anotadas no quadro e levadas a votação. Após eleição, os alunos deverão pesquisar sobre o tema para poder falar sobre o assunto. Uma pasta deverá ser criada no Drive para que todos possam inserir os textos que acharem relevantes.

Tendo o que dizer, passamos para a escrita propriamente dita. Todos podem inserir a sua opinião sobre o tema, construindo parágrafos ou copiando parte dos textos encontrados que acharem relevantes.

O próximo passo é a leitura conjunta para ver quais assuntos se assemelham e por isso devem vir próximos, quais dão continuidade, formando progressão, e como é possível utilizar os trechos colados para embasamento de ideias.

É possível perceber como cada um está contribuindo na escrita. Alguns já conseguem escrever opinando, outros conseguem apropriando-se de falas de outros autores, e outros conseguem contribuir selecionando trechos pertinentes. O importante é perceber a interação de todos e permitir que todos consigam participar da atividade.

Observar como eles resolvem os problemas encontrados, mediando a escrita, é algo muito importante para o desenvolvimento do aluno. Quando a ferramenta, por exemplo, direciona que todos fiquem no mesmo lugar do cursor, como a turma resolve esse problema? Começam a colaborar com o texto do outro para poderem inserir seu parágrafo ou escreverem à parte para depois inserir? Faz parte do processo de aprendizagem não dar todas respostas e ver como eles reagem diante dos problemas.

Após a escrita dos alunos, é necessário fazer uma leitura geral do texto para ver se haverá alterações ou se o texto encontra-se coeso e coerente. Os alunos irão dar sugestões de correção, e uma única pessoa pode alterar o texto lido em conjunto.

4ª etapa: Autoavaliação das atividades desenvolvidas e avaliação da escrita

Duração: de 2 a 4 aulas

Nesta etapa, será avaliada a proposta realizada. A fim de mensurar o conteúdo fixado com as atividades, os alunos devem ser questionados, por Google Docs ou via escrita, itens que permitam expor o que foi absorvido.

Perguntas como: Diga com suas palavras o que é tema. O que é tese? O que achou da proposta colaborativa? O que você aprendeu com esta atividade? Essas perguntas norteiam o resultado obtido com a atividade.

O professor fará a correção do documento quanto a introdução, desenvolvimento e desfecho, em especial se houve a explicitação de uma opinião. Deve analisar, também, o uso dos elementos como coesão, coerência, propriedades argumentativas, conectores conjuntivos e apropriação da escrita do artigo de opinião. Todas as observações deverão ser repassadas aos alunos para que solidifique o conhecimento.

ANEXO A - CARTAS ARGUMENTATIVAS ORIGINAIS DOS ALUNOS

Carta 1 - aluno Odair

D S T Q U S S
D L M M V S

Ola, Bom dia

Para fazer, tenho por mim desta carta, pedir e listar alguma pontos necessarios para o nosso colegio, o bairro Fumleura, como e de nossa comum, de escola publico tem muitas mazelas que necessitam de correção, para que assim, pessoas, melhoras todo esse cenário, então, aviso e anticipo que se deve ler nossas cartas com a cautela e atenção minuciosa, para poder criar soluções para os nossos problemas. Termino para minha carta não avaliar em alguma parte no fundo de alguns gestores, relatando o meu olhar crítico frente de alunos e funcionários de educação. No meu ver, tenho uma grande lista, mas para não me estender e não repetir o que já e de conhecimento de vocês, irei falar apenas das particularidades de alguns. Podemos mudar diversas matérias e como os mesmos olhando os trabalhos quanto aos alunos e funcionários.

Exemplar: Os chões ruins que tem risco de dor algum tipo de doença ou patólicas.

Ass.

15/06/22

Carta 2 - aluno Fernando

Caríssimo Diretor!

Me chamo sou aluno do 9º ano há alguns meses. E venho conversar com o senhor, pois adoro esta escola e pretendo terminar meus estudos aqui. Minha maior vontade e ver esta escola em seus dias de glória.

Venho humildemente apontar alguns problemas estruturais da sala de aula, pois que seja um rigoroso para os alunos, pois os ventiladores podem cair depois de ligados, machucando-os.

Além de não atender os requerimentos do ministério da justiça e segurança pública.

Por isso solicito a troca dos aparelhos. Com uma breve pesquisa achei um ventilador de teto por R\$ 189,99 e fazendo calculos simples três destes aparelhos dariam R\$ 569,97, e já aparelhos tanto que vamos ter eventos como festa junina, poderíamos colocar os impressores a um preço bom e aparelhos e dinheiro necessários.

Assinado:
9º ano

Carta 3 - aluno Arnaldo

28/06/2020

Boa tarde Bruno

Eu vim reclamar de uma professora mentirosa e indisciplinada chamada Quitéria ela é muito chata toda a minha sala fala isso, ela também é muito implicante e muito mentirosa, e também fala coisas desnecessárias não sabe dar aula

E a solução é que o senhor poderia trocar de professora de geografia Quitéria pela Maria Joaquina

AS. Arnaldo

ANEXO B - VERSÕES DA CONSTRUÇÃO TEXTUAL DOS ALUNOS DISCUTIDAS AO LONGO DO TRABALHO.

Legenda das cores apresentadas nas versões, de acordo com os nomes fictícios dos participantes:

legenda:

AMÉLIA

ENIO

JULIANO

ARNALDO

ÉRICA

MARIA CLAUDIA

EMERSON

ERNANI

KELVIN

EMÍLIA

FERNANDO

ODAIR

MARCOS

GERALDO

OTELLO

GILBERTO

MATIAS

1ª Versão escrita em 23/09/2022

A pandemia e o ensino no Brasil

Os desafios pós-pandemia precisam ser enfrentados. Para além das questões formais, tecnológicas e pedagógicas, hoje, o fechamento das escolas por mais tempo que o necessário cobra um alto preço: a Saúde mental e Socioemocionais.

Esse, o maior, dentre os desafios pós pandemia. Afinal de contas, quando uma avaliação aponta que dois em cada três estudantes apresentam sintomas de depressão e ansiedade, é demais.

Como alcançar a qualidade na educação? A resposta para essa pergunta não é simples, pois envolve uma série de fatores que objetivam uma cultura da aprendizagem, formando cidadãos que consigam crescer na vida pessoal e profissional.

Dessa maneira, é preciso que a escola busque o melhor caminho para o ensino, com meios de estimular os alunos para o conhecimento. Faz-se necessário tornar os estudos prazerosos, sempre levando em conta as particularidades dessa geração.

Quando se fala em qualidade na educação nacional, a referência é o Ideb, sigla para Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. Esse índice foi criado em 2007 com o objetivo de avaliar a qualidade do ensino nas escolas brasileiras e traçar metas para aperfeiçoar esse aprendizado. O indicador vai de 0 a 10 e leva em conta dois fatores:

- fluxo escolar (aprovação dos alunos) — utiliza dados do Censo Escolar;
- média de desempenho nas avaliações (aprendizado) — utiliza os resultados do Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica), referente aos Estados, Distrito Federal e ao País, e da Prova Brasil, referente aos municípios.

As metas do Ideb variam para cada escola e rede de ensino. O objetivo é que o índice melhore e obtenha média 6 até 2022, resultado correspondente aos países desenvolvidos.

para buscar melhorias ,e fundamental que as escolas ofereçam cursos e alguns aspectos para elevar a qualidade aprendizado.

Por meio desse índice, as escolas podem estipular metas para melhorar o desempenho, buscando mais qualidade na educação.

Refletindo sobre o acesso à educação no Brasil, podemos recordar Paulo Freire: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

Partindo dessa premissa, e da dúvida de como será o futuro dos jovens no pós-pandemia, é importante enfatizar que a educação é um direito da população. Sendo assim, um fator diferencial na vida democrática, econômica e social do país

Texto do Geraldo:

O estudo na Suíça é um dos melhores do mundo.

Os celulares atrapalharam bastante também.

<https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/conteudo-multimidia/detalhe/os-desafios-de-estudar-durante-a-pandemia>

Alunos protagonistas na Educação

O que significa o conceito de aluno protagonista?

“Nesse processo, os estudantes devem ser aliados na construção do conhecimento. O próprio aluno é quem encontra a melhor forma para obter as informações. Esse processo de aprendizagem autônoma conta, sobretudo, com a ajuda da tecnologia.

A escola assume o papel de motivar os alunos a perseguirem o conhecimento, fornecendo as ferramentas necessárias e sendo a base para a construção dos seus saberes junto aos professores.”

Como a escola pode implementar ações que fomentem esse conceito?

“A ideia do aluno protagonista permeia todo texto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), apresentando competências gerais e específicas que vão desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.”

“Além disso, a BNCC propõe que a construção dos processos educativos seja voltada para o desenvolvimento dos alunos capazes de lidar com os problemas da sociedade contemporânea. A proposta da BNCC é que a aplicação do conhecimento seja dirigida para a vida real e para a construção do projeto de vida dos alunos.”

Ouçá os alunos

“Na nova abordagem, o professor pode tirar as dúvidas e até mesmo avaliar se a resposta está certa — esse não é o problema. O que não deve “acontecer é os professores darem respostas arbitrárias e imediatas, sem permitir que os próprios alunos busquem compreender seus erros, sem valorizar os seus acertos.”

“Essa atitude estimula que os alunos tentem decorar as informações e não buscar entender as respostas e as formas de se chegar até elas. Considerar o aluno como protagonista no processo educativo implica ouvir o que ele tem a dizer. O professor deve mediar as conversas e buscar fazer com que os alunos compreendam e julguem os fatos.”

Instigue o debate

“Essa troca de ideias entre os alunos deve ser estimulada pelos professores utilizando fóruns e debates. Muitas vezes, os alunos terão que aprender a lidar com algumas situações em que não há uma resposta certa, apenas a diferença de visões e opiniões.”

“Com isso, os alunos aprenderão a defender seus pontos de vista e também a respeitar e compreender visões diferentes das suas. A participação dos estudantes nessas discussões permite que eles aprendam a se posicionar e argumentar.”

Dê liberdade aos alunos

“Essa experimentação deve ocorrer em todas as áreas de conhecimento, não apenas nas aulas de Ciências. Disciplinas como História, Matemática e até mesmo idiomas também devem, sempre que possível, valer-se da experimentação. O protagonismo do aluno está em ele mesmo tentar encontrar os meios para chegar às respostas.”

Possibilite tomadas de decisões

“A tomada de decisões é outro ponto-chave dentro do protagonismo dos alunos. Os professores precisam permitir que os alunos tomem decisões “nas salas de aula. Isso pode ser incentivado por meio do estímulo da criação de projetos autorais, da participação em votações e, até mesmo, de assumir um papel ativo no planejamento das aulas.”

“Dessa forma os alunos terão a percepção de que eles são os personagens principais deste processo. Os professores devem estimular que os estudantes encontrem seus próprios caminhos por meio de pesquisas, experimentações e erros.”

A melhor forma de acolher os pequenos é ajudá-los a lidar com os próprios sentimentos, através de momentos de conversa, de escuta individual e coletiva.

o ensino na suíça

PORQUE OS FONES ATRAPALHAM NOS ESTUDOS?

Por mais que você se isole no seu local de estudo, as distrações acontecem: conversas de familiares, um telefone que toca, a obra do vizinho ou mesmo aquele amigo ou amiga de apartamento que está aprendendo a tocar um novo instrumento

Para fugir dessas armadilhas, muitos resolvem estudar ouvindo música e acreditam que isso ajuda na concentração.

Mas, se esse não é o seu caso, a pergunta que fica é: estudar ouvindo música é ou não produtivo.

Essas resposta só é possível ser dada individualmente. Afinal, há aquelas pessoas que não se importam com a música e tem sua produtividade realmente melhorada.

Porém, outras, ainda se sentem inseguras e não sabem se, ao usarem um fone de ouvido com suas canções favoritas, haverá concentração ou não.

E ainda assim, não é possível cravar se a música atrapalha ou ajuda. Para tentar resolver esse enigma, é preciso se passar pela <https://blog.clippingcad.com.br/educacao/estudar-ouvindo-musica-e-uma-boajuda-ou-atrapalha/s-vantagens-em-se-ouvir-musica-enquanto-estuda>.

2ª Versão escrita em 27/09/2022

A pandemia e o ensino no Brasil

Os desafios pós-pandemia precisam ser enfrentados. Para além das questões formais, tecnológicas e pedagógicas, hoje, o fechamento das escolas por mais tempo que o necessário cobra um alto preço: a **Saúde mental** e **Socioemocionais**.

Esse, o maior, dentre os desafios pós pandemia. Afinal de contas, quando uma avaliação aponta que dois em cada três estudantes apresentam sintomas de depressão e ansiedade, é demais.

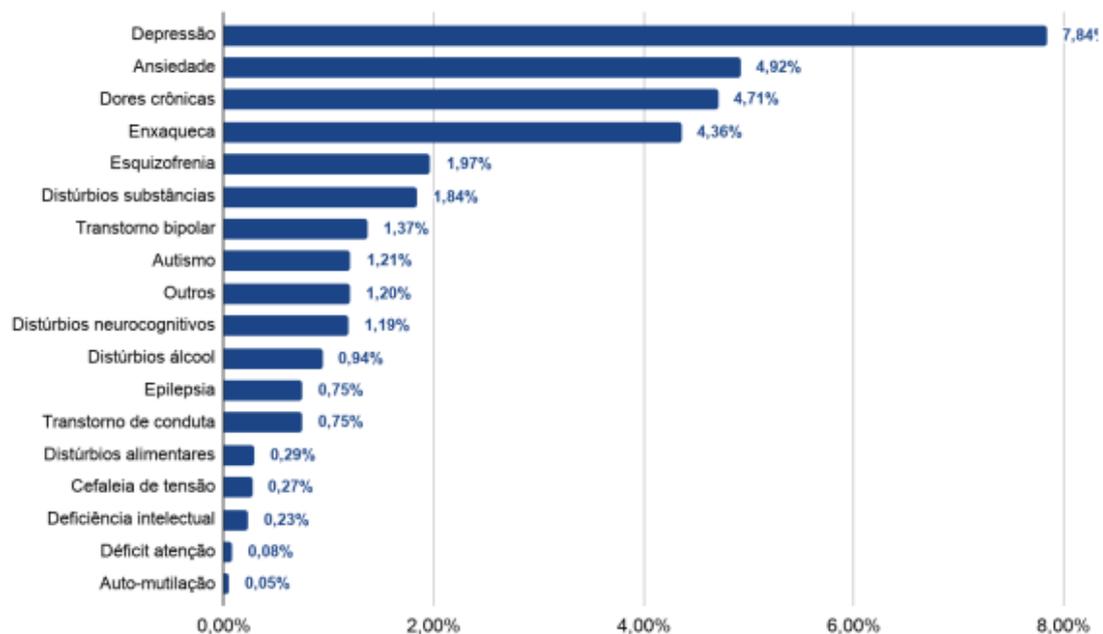


GRÁFICO 1: Condições mentais com maiores incidências nos países americanos

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da PAHO, 2018.

[\[https://diarioescola.com.br/desafios-pos-pandemia/#:~:text=Os%20desafios%20p%C3%B3s%20pandemia%20precisam,dentre%20os%20desafios%20p%C3%B3s%20pandemia\]](https://diarioescola.com.br/desafios-pos-pandemia/#:~:text=Os%20desafios%20p%C3%B3s%20pandemia%20precisam,dentre%20os%20desafios%20p%C3%B3s%20pandemia). Segundos dados do ano de 2018 da Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil é um país com um número excessivo de pessoas ansiosas de

~~mundo~~ no mundo todo, em termos absolutos. São 18,6 milhões de brasileiros considerados ansiosos, número que representa 9,3% da população total do país.

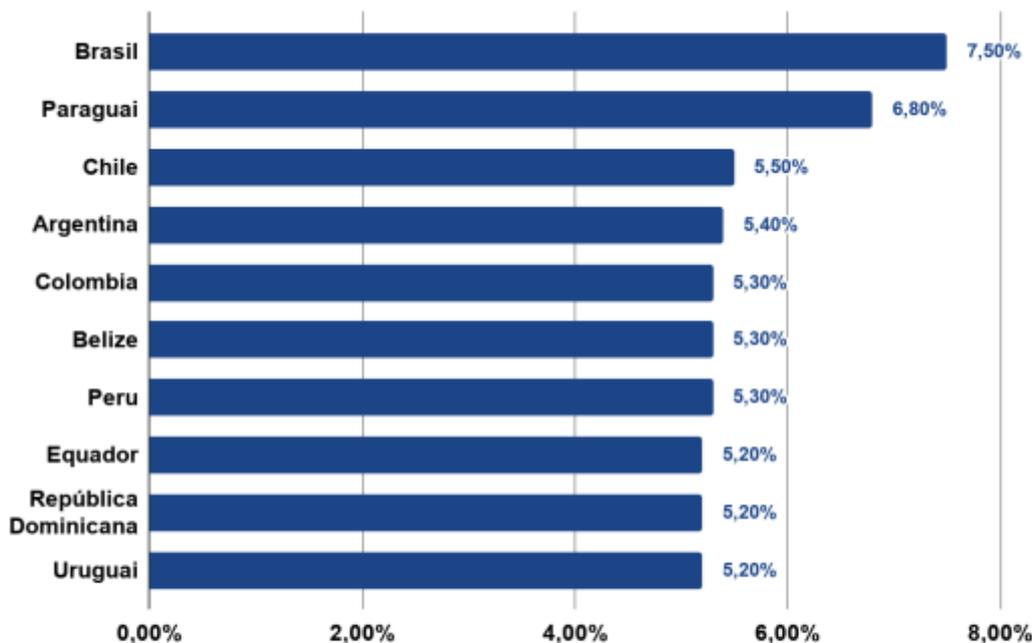


GRÁFICO 2: Os 10 países do continente americano com maiores níveis de ansiedade

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da PAHO, 2018.

Com isso, conseguimos concluir que o Brasil sempre está a frente em qualquer problema quando se trata de "Saúde mental", e isso se torna preocupante pois entre 2018/2022 os índices só aumentaram e na "Educação" os problemas se agravaram diante a pandemia.

Como alcançar a qualidade na [educação](#)? A resposta para essa pergunta não é simples, pois envolve uma série de fatores que objetivam uma cultura da aprendizagem, formando cidadãos que consigam crescer na vida pessoal e profissional.

Dessa maneira, é preciso que a escola busque o melhor caminho para o ensino, com meios de estimular os alunos para o conhecimento. Faz-se necessário tornar os estudos prazerosos, sempre levando em conta as particularidades dessa geração.

Quando se fala em qualidade na educação nacional, a referência é o Ideb, sigla para [Índice de Desenvolvimento da Educação Básica](#). Esse índice foi criado em 2007 com o objetivo de avaliar a qualidade do ensino nas escolas brasileiras e traçar metas para aperfeiçoar esse aprendizado. O indicador vai de 0 a 10 e leva em conta dois fatores:

- fluxo escolar (aprovação dos alunos) — utiliza dados do Censo Escolar;
- média de desempenho nas avaliações (aprendizado) — utiliza os resultados do Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica), referente aos Estados, Distrito Federal e ao País, e da Prova Brasil, referente aos municípios.

As metas do Ideb variam para cada escola e rede de ensino. O objetivo é que o índice melhore e obtenha média 6 até 2022, resultado correspondente aos países desenvolvidos.

para buscar melhorias, é fundamental que as escolas ofereçam cursos e alguns aspectos para elevar a qualidade aprendizado.

Por meio desse índice, as escolas podem estipular metas para melhorar o desempenho, buscando mais qualidade na educação.

Sobre o site eleva o baixo do índice da educação e a melhoria para apresentar curso, educação, Os professores não tá tendo capacidade de conseguir fazer com que uma simples aula garanta o conhecimento dos alunos. O mais importante que a escola garante é a educação e melhoria para se transformar em um cidadão de bem e da educação dos alunos e sim para educação fazer projetos, material didático e a tecnologia. e também que o professor se relaciona bem com o aluno para fornecer ajuda explicação e q na hora ele estar lá PARA AJUDAR E TER UM OLHAR DIFERENTE SOBRE O ALUNO .

E valorizar os professor não também sobre o salario e ss pelo o ensino e conhecimento que eles passam pelos alunos e q a escola ouvir as opinioes deles e quando eles alcançam as metas estabelecida pela escola. e que o resultado seja concluido como professor passando repeito e conhecimento para os alunos.

Refletindo sobre o acesso à educação no Brasil, podemos recordar Paulo Freire: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

Partindo dessa premissa, e da dúvida de como será o futuro dos jovens no pós-pandemia, é importante enfatizar que a educação é um direito da população. Sendo assim, um fator diferencial na vida democrática, econômica e social do país

Problemas e Soluções:

A pandemia exerceu um forte impacto na educação básica, afinal, as escolas tiveram que se adaptar tecnologicamente para suprir a demanda de um ensino a distância.

No entanto, o ensino remoto nem sempre é tão democrático, pois nem todos os alunos têm condições de acompanhar as aulas, muito por conta da estrutura social vigente.

Em um país com 11 milhões de analfabetos, as barreiras atuais de acesso à educação e o quadro econômico só reforçam o aumento dos índices de evasão escolar.

Com pouca verba destinada para a educação e trocas constantes de ministros, a percepção é de que não há um planejamento focado em resolver essa problemática.

A perspectiva é que essa geração tenha problemas em se destacar no futuro, pois há uma lacuna preocupante na construção de competências técnicas e socioemocionais.

É possível classificar os desafios do acesso à educação no Brasil em aspectos internos e externos, que gradativamente mexem com a estrutura do sistema educacional.

A seguir, veja alguns dos fatores relevantes que podem contribuir com as barreiras educacionais, gerando um entrave no progresso de um país ainda emergente.

Especialmente para quem reside em áreas rurais, periferias, regiões de risco, encosta de rios e demais localidades, a ida à escola é quase um trabalho hercúleo.

Problemas e Soluções:

Bom eu entendi que uma das soluções seria as escolas pois elas ajudam bastante nos estudos dos alunos principalmente no incentivo.

O artigo comenta problemas e soluções propostas por escolas com base no uso dos Indicadores da Qualidade na Educação, instrumento participativo de avaliação e planejamento. Foram analisados 103 planos de ação de unidades escolares de quatro estados brasileiros. Problemas e Soluções nos estudos:

Estudo na Suíça:

O estudo na Suíça é um dos melhores do mundo.

O sistema educacional suíço é reconhecido internacionalmente por seus altos padrões acadêmicos, resultados de pesquisa bem conceituados e métodos de ensino centrados no aluno. O ensino superior na Suíça segue o Processo de Bolonha e é dividido em três ciclos de programas com bacharelado, mestrado e doutorado.

Os celulares atrapalharam bastante também. <https://anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompletos/comunicacoesRelatos/0251.pdf>

<https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/conteudo-multimedia/detalhe/os-desafios-de-estudar-durante-a-pandemia><https://br.educations.com/study-guides/europe/study-in-switzerland/education-system-4244#:~:text=O%20sistema%20educacional%20su%C3%AD%C3%A7o%20%C3%A9,com%20bacharelado%20C%20mestrado%20e%20doutorado.>

Alunos protagonistas na Educação

O que significa o conceito de aluno protagonista?

“Nesse processo, os estudantes devem ser aliados na construção do conhecimento. O próprio aluno é quem encontra a melhor forma para obter as informações. Esse processo de **aprendizagem autônoma** conta, sobretudo, com a ajuda da tecnologia. A escola assume o papel de motivar os alunos a perseguirem o conhecimento, fornecendo as ferramentas necessárias e sendo a base para a construção dos seus saberes junto aos professores.”

Como a escola pode implementar ações que fomentem esse conceito?

“A ideia do aluno protagonista permeia todo texto da **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC), apresentando competências gerais e específicas que vão desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.”

“Além disso, a BNCC propõe que a construção dos processos educativos seja voltada para o desenvolvimento dos alunos capazes de lidar com os problemas da sociedade contemporânea. A proposta da BNCC é que a aplicação do conhecimento seja dirigida para a vida real e para a construção do projeto de vida dos alunos.”

Ouçá os alunos

Como melhorar a escola?

Muitas vezes os professores são impossibilitados de realizarem práticas e adotarem metodologias diferentes por sofrerem com limitações estruturais, por isso é importante que os mantenedores **investem** no melhoramento e ampliação da estrutura, possibilitando o aumento de práticas acadêmicas nas instalações da escola.

Ter uma biblioteca abastecida de livros quadras amplas e bem estruturadas, laboratórios de informática e ciência bem equipados para que os alunos possam

realizar pesquisas, são algumas melhorias que podem ser feitas para melhorar a experiência de aprendizagem do estudante.

A inclusão da tecnologia na rotina das salas de aula torna-se mais que necessária para garantir a eficácia do processo didático. Mesmo que a maioria das crianças e dos adolescentes já estejam familiarizados com o uso de smartphones e computadores, é fundamental instruí-los para que possam a usar esses instrumentos tecnológicos com sabedoria.

Portanto, é dever da escola disponibilizar dispositivos e ferramentas tecnológicas assim como investir na criação de um ambiente adequado para desenvolver o relacionamento dos alunos com a tecnologia.

ASS:Arnaldo

“Na nova abordagem, o professor pode tirar as dúvidas e até mesmo avaliar se a resposta está certa — esse não é o problema. O que não deve “acontecer é os professores darem respostas arbitrárias e imediatas, sem permitir que os próprios alunos busquem compreender seus erros, sem valorizar os seus acertos.”

“Essa atitude estimula que os alunos tentem decorar as informações e não buscar entender as respostas e as formas de se chegar até elas. Considerar o aluno como protagonista no processo educativo implica ouvir o que ele tem a dizer. O professor deve mediar as conversas e buscar fazer com que os alunos compreendam e julguem os fatos.”

Instigue o debate

“Essa troca de ideias entre os alunos deve ser estimulada pelos professores utilizando fóruns e debates. Muitas vezes, os alunos terão que aprender a lidar com algumas situações em que não há uma resposta certa, apenas a diferença de visões e opiniões.”

“Com isso, os alunos aprenderão a defender seus pontos de vista e também a respeitar e compreender visões diferentes das suas. A participação dos estudantes nessas discussões permite que eles aprendam a se posicionar e argumentar.”

Dê liberdade aos alunos

“Essa experimentação deve ocorrer em todas as áreas de conhecimento, não apenas nas aulas de Ciências. Disciplinas como História, Matemática e até mesmo idiomas também devem, sempre que possível, valer-se da experimentação. O

protagonismo do aluno está em ele mesmo tentar encontrar os meios para chegar às respostas.”

Possibilite tomadas de decisões

“A tomada de decisões é outro ponto-chave dentro do protagonismo dos alunos. Os professores precisam permitir que os alunos tomem decisões “nas salas de aula. Isso pode ser incentivado por meio do estímulo da criação de projetos autorais, da participação em votações e, até mesmo, de assumir um papel ativo no planejamento das aulas.”

“Dessa forma os alunos terão a percepção de que eles são os personagens principais deste processo. Os professores devem estimular que os estudantes encontrem seus próprios caminhos por meio de pesquisas, experimentações e erros.”

A melhor forma de acolher os pequenos é ajudá-los a lidar com os próprios sentimentos, através de momentos de conversa, de escuta individual e coletiva.

Uso excessivo de redes sociais por estudantes de

ensino médio do sul do Brasil

<https://doi.org/10.1590/1984-0462/2022/40/2020420>

Segundo o artigo da sociedade de pediatria de São Paulo, as redes sociais são uma opção de mídia em que os usuários podem criar e consumir conteúdo e a informação pode ser compartilhada em diferentes formatos, **-assim** como texto, cartas digitais, vídeos, áudios ou fotografias. O uso **excessivo** dessa tecnologia é um fenômeno global e essa prática é mais comum entre os jovens de hoje em dia, esse fato preocupa os profissionais de saúde em razão da influência negativa sobre o comportamento, o qual pode afetar a saúde **biopsicossocial** do adolescente. **⊖ biopsicossocial é uma abordagem multidisciplinar que**

POR QUE OS FONES **ATRAPALHAM** NO ESTUDOS?

~~PORQUE OS FONES ATRAPALHAM NOS ESTUDOS?~~

Por mais que você se isole no seu **local de estudo**, as distrações acontecem: conversas de familiares, um telefone que toca, a obra do vizinho ou mesmo aquele amigo ou amiga de apartamento que está aprendendo a tocar um novo **instrumento**

Para instrumento para fugir dessas armadilhas, muitos resolvem estudar ouvindo música e acreditam que isso ajuda na concentração.

Mas, se esse não é o seu caso, a pergunta que fica é: estudar ouvindo música é ou não produtivo.

Essa resposta só é possível ser dada individualmente. Afinal, há aquelas pessoas que não se importam com a música e tem sua produtividade realmente melhorada.

Porém, outras, ainda se sentem inseguras e não sabem se, ao usarem um fone de ouvido com suas canções favoritas, haverá concentração ou não.

E ainda assim, não é possível cravar se a música atrapalha ou ajuda.

Talvez ~~você aí esteja~~ **você esteja** pensando que isso não se aplica a você, porque você é uma pessoa “multitasking” ou “multitarefa”. A má notícia é que a música atrapalha o estudo justamente por isso! Pesquisas apontam que ao realizar várias tarefas ao mesmo tempo uma pessoa pode diminuir em até dez pontos seu QI, já que isso acaba desacelerando os processos mentais. Não é isso que você quer, é?

Calma, nem tudo está perdido!

~~Calma, nem tudo está perdido!~~

Se você não gosta mesmo de estudar em silêncio, sua saída é escutar músicas instrumentais! As melodias sem letras ajudam o cérebro a melhorar seu desempenho. Ficou confuso? A gente explica: a chave para entender isso está na forma ~~como a nossa mente funciona. O cérebro é dividido em dois hemisférios: direito e esquerdo.~~ **o a nossa mente funciona. O cérebro é dividido em dois hemisférios: direito e esquerdo.** O lado esquerdo é responsável pelo pensamento lógico e pela comunicação. Já o hemisfério direito é ativado em atividades que envolvem pensamentos simbólicos e criatividade. Quando você lê e escreve, o lado esquerdo está trabalhando mais. A música ativa o ~~lado~~ **lado**, porém, quando há letra nela, o lado esquerdo precisa interpretá-la e acaba sobrecarregado. **oi**

OS FONES ATRAPALHAM POIS...

Os fones atrapalham muitos, pois, você presta atenção em 2 coisas ao mesmo tempo, como a música e a leitura dos estudos. Muitos se sentem inseguros porque não sabem se vão conseguir se concentrar ou não. Mas é possível sim pessoas conseguirem prestar atenção ouvindo música, apontam que atrapalha bastante pois, o telefone desperta enquanto toca uma música, aparecem anúncios a cada várias músicas seguidas e param de prestar atenção, para remover/pular o som.

Forma de ensino na suíça

~~o sistema de educação sistema de educação na o sistema de educação sistema de educação sistema de educação sistema de educação~~ siso da suíça

o sistema de educação na suíça e

FALTA DE VONTADE DE APRENDER

Causas e Consequências.

Dentre todas as dificuldades pelas quais passa a educação no Brasil, destaca-se, atualmente, um grande desinteresse por parte de muitos alunos, por qualquer atividade escolar. Frequentam as aulas por obrigação, sem, contudo, participar das atividades básicas. Ficam apáticos diante de qualquer iniciativa dos professores, que se confessam frustrados por não conseguirem atingir totalmente seus objetivos. Esta pesquisa, com alunos, professores e demais membros da comunidade escolar, buscou investigar por que tais alunos mostram-se desinteressados pelos estudos, a fim de possibilitar a busca de alguma saída, de modo a que tais alunos adquiram os conhecimentos mínimos desejados pela escola e que são um direito de todos. Das leituras efetuadas, descobriu-se que o desejo é o sentimento muito forte do querer. É querer tanto, a ponto de não medir esforços para conseguir o objeto desejado. Segundo RUDEL (2007, p.35), “um impulso não satisfeito em tempo leva ao surgimento de uma tensão - que caracteriza o desejo.” E sempre que “...o indivíduo

pensa na coisa desejada, está criando ou aumentando tensão psíquica, e ficando assim como alvo de motivação que o levará a agir no sentido de satisfazer o desejo surgido.” O desejo é próprio de seres inacabados, pois um ser que não carecesse de nada não desejaria nada, seria um ser perfeito, um deus. Sendo próprio de seres inacabados, ele deveria fazer parte de todo ser humano – incluindo, naturalmente, os alunos, que, segundo FREUD [1910], deveriam fazer parte dos “desejantes de saber”, tal como as crianças e os cientistas.

Site:<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/853-2.pdf>

27/09/2022

‘Fracasso escolar é o fracasso do sistema educacional’, diz especialista.

A dificuldade de aprendizagem muitas vezes vai além dos problemas da criança. O fracasso escolar, na avaliação da doutora Nadia, é o fracasso do próprio sistema de ensino. Com mestrado em psicologia da Educação pela PUC de São Paulo e doutorado em psicologia e educação pela USP, a psicopedagoga coordenou uma pesquisa feita durante cinco anos nas escolas públicas de São Paulo. O grupo de pesquisadores buscava saber as causas da dificuldade de aprendizado escolar para estabelecer prioridades de mudanças na política educacional. O estudo revelou que de cada quatro alunos que concluem o ensino fundamental, três saem do ensino fundamental sem saber ler, escrever e fazer as quatro operações matemáticas (adição, subtração, divisão e multiplicação).

[<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2011/05/fracasso-escolar-e-o-fracasso-do-sistema-educacional-diz-especialista.html>]

Projeto de sala de aula

Muitas escolas não estão dando o conforto que os alunos precisam para o seu futuro salas de aula com um tamanho não adequado para a quantidade de alunos ,dentre todos os problemas nas quais os alunos estão passando pela falta de espaço e de comunicação

Dentre estes problemas poucos alunos consegue esta tendo participação e aprendizagem na escola por falta de uma sala adequadas para eles com isso pre

Participação das famílias na elaboração de propostas escolares

Tanto a família como as pessoas que convivem com a criança, adolescente ou jovem devem ser convidadas e incentivadas pelas escolas a participarem da elaboração de propostas escolares de responsabilidade social coletiva.

segundo o site rodrigo mendes isso acontece porque as propostas escolares não se resumem a repetição, memorização e fixação, sem nenhuma consideração aos aspectos subjetivos de cada aprendiz. Penso que a escola também deve ser um lugar de acolhimento às crianças e adolescentes em suas demandas sociais. Há crianças que só têm acesso à comida quando estão na escola, por exemplo, e essa não é uma realidade da minoria dos estudantes de nosso país.

Portanto, a importância das famílias na elaboração de propostas escolares não se limita apenas a pensarem acerca do processo de ensino de seus próprios filhos, mas também de compreenderem que a escola é o lugar de todos os alunos com suas individualidades ou limitação ao acesso escolar

O problema da falta de atenção na escola

A falta de atenção tornou-se um dos principais problemas identificados nas escolas atualmente. Quando a desatenção de um aluno ultrapassa certo limite, estabelecido geralmente pela expectativa dos professores em sua experiência com crianças da mesma faixa etária, levanta a suspeita de ser déficit de atenção e hiperatividade. Em casos assim, costuma-se encaminhar o aluno para avaliação especializada e, caso a suspeita se confirme, ele recebe um laudo e pode ser medicado

Esse itinerário do aluno desatento se tornou comum nas últimas décadas e evidencia um pressuposto que é preciso discutir. Supõe-se que a atenção é um pré-requisito para o bom desempenho, de modo que as crianças que não prestam atenção correm o risco de fracassar na escola. É evidente que as tarefas escolares exigem atenção, mas ela deveria mesmo ser considerada uma aptidão biologicamente determinada e uma condição para o aproveitamento escolar? Ou será a atenção um resultado do processo educativo?

De acordo com um artigo publicado na *Revista Brasileira de Psiquiatria*, “os estudos nacionais e internacionais situam a prevalência de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH) entre 3% e 6%, sendo realizados com crianças em idade escolar na sua maioria” (2000, p. 7). O mesmo texto apresenta uma extensa série de “sintomas”, considerados como indícios do transtorno

segundo o site jornal da usp as dificuldades de prestar atenção a detalhes ou errar por descuido em atividades escolares e de trabalho e envolver-se em tarefas que exijam esforço mental,e ser **facilmente** distraído por coisa alheia e apresentar esquecimentos em atividades. aninha

Falta de estrutura e de formação impede tecnologia nas escolas

RIO- Com uma rede composta por mais de 180 mil escolas, o uso de tecnologia nas salas de aula do Brasil não é realidade em grande parte das instituições de ensino. Seja por uma questão de infraestrutura ou pela falta de formação adequada para o corpo docente, a realidade, segundo professores, é bem distante da ideal.

Somado a essas questões, o descompasso entre as medidas adotadas pelo poder público e as necessidades da comunidade educacional agravam o cenário de precarização e dificultam a inserção de novos métodos nas escolas.

De acordo com o professor Heleno Araújo, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), muitas vezes as políticas educacionais são traçadas sem consultar a comunidade escolar sobre suas demandas, o que acaba atrapalhando. A CNTE representa 50 sindicatos de professores e funcionários de todo o país.

— Os governos colocam o dinheiro da educação em tecnologia, vem equipamento para todas as escolas sem que se conheça a realidade delas. Muitas vezes, a escola não está em condições de recebê-los, porque a rede elétrica não sustenta. Não há condições administrativas e nem financeiras de manutenção dos equipamentos — diz ele, chamando a atenção para a precariedade da infraestrutura das instituições públicas.

Dados do Censo Escolar 2018 divulgados em janeiro revelam que, entre as escolas de ensino médio do país, 15% não têm acesso a banda larga. Além disso, 21,9%

não têm laboratório de informática e 4,9% não têm acesso a qualquer tipo de internet.

Além da falta de estrutura, professores reclamam da falta de uma estratégia de formação.

— Somos uma categoria que tem idade média acima de 44 anos de idade e que precisaria integrar as disciplinas com as novas tecnologias. Isso exige uma integração de formação e a realização de atividades multidisciplinares, onde a tecnologia contribua com o que já existe — analisa Araújo. — Os sistemas de ensino querem colocar um profissional na escola para fazer atendimento específico para informática, mas essa opção não dialoga com as disciplinas tradicionais

ANEXO C - PRODUÇÃO FINAL DOS ALUNOS

Problemas do ensino no Brasil

Segundo site Diário Escola, além dos prejuízos de aprendizagem, a **Saúde mental** e **Socioemocionais** são consequências que estão atrapalhando o desenvolvimento dos alunos de forma exponencial. O número apontado pelos sites assusta muito: dois em cada três estudantes apresentam sintomas de depressão e ansiedade.

O site da revista Exame apresenta dados de 2018 da Organização Mundial da Saúde (**OMS**), no qual o Brasil está no ranking com o 6º lugar de países mais ansiosos. São 18,6 milhões de brasileiros considerados ansiosos, o que representa 9,3% da população. Esse número aumentou consideravelmente na pandemia.

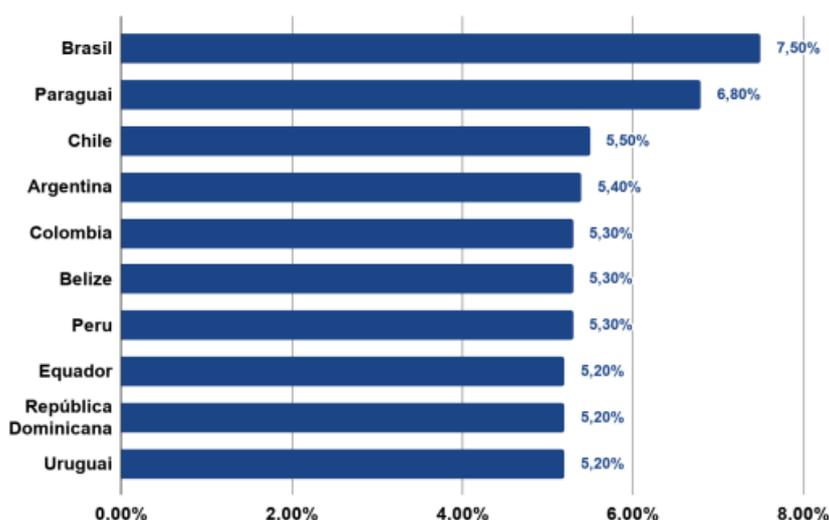


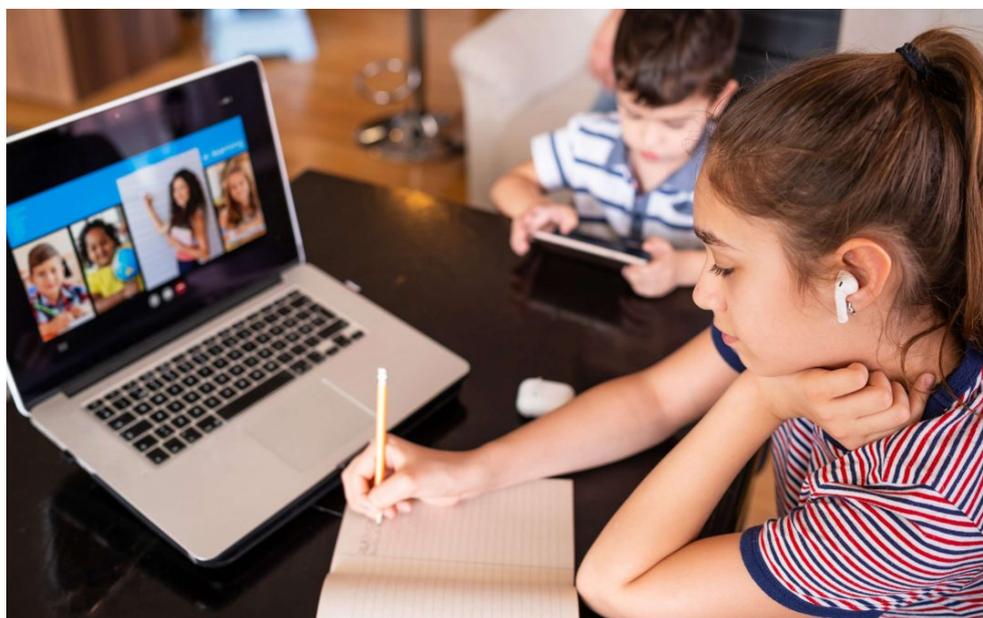
GRÁFICO 2: Os 10 países do continente americano com maiores níveis de ansiedade

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da PAHO, 2018.

O Brasil lidera o ranking de maior número de pessoas com ansiedade na América do Sul, com isso, conseguimos concluir que o Brasil sempre está à frente em qualquer problema quando se trata de "Saúde mental", e isso, se torna preocupante pois entre 2018 e 2022 os índices só aumentaram.

Fatores que atrapalham o desenvolvimento da aprendizagem:

1-Tecnologia amiga ou inimiga dos alunos no processo de aprendizagem?



<https://happycodeschool.com/wp-content/uploads/2020/08/Tecnologia-inimiga-da-educa%C3%A7%C3%A3o-1080x675.jpeg>

Segundo artigo da sociedade de pediatria de São Paulo, as redes sociais são uma opção de mídia em que os usuários podem criar e consumir conteúdo e a informação pode ser compartilhada em diferentes formatos, como texto, cartas digitais, vídeos, áudios ou fotografias. O uso excessivo dessa tecnologia é um fenômeno global e essa prática é mais comum entre os jovens de hoje em dia, esse fato preocupa os profissionais de saúde em razão da influência negativa sobre o comportamento, o qual pode afetar a saúde biopsicossocial do adolescente.

Outro fator que atrapalha é o uso dos fones de ouvido. É impossível prestar atenção no professor e jogar no celular. Sem contar as notificações que distraem a todo momento. Porém vale ressaltar que existem músicas que possibilitam a concentração na leitura e nos estudos.

2- Falta de atenção na escola



<https://i1.wp.com/biosom.com.br/blog/wp-content/uploads/2015/11/D%C3%A9ficit-de-Aten%C3%A7%C3%A3o-e-Hiperatividade.jpg?fit=1170%2C740&ssl=1>

Os principais problemas enfrentados na escola é a falta de atenção dos alunos que pode ser ocasionada pelo desinteresse. A falta de limites dentro e fora da escola contribui bastante para a evolução deste problema. Em alguns casos, a falta de atenção ocorre por problemas com déficit de atenção e hiperatividade. Segundo a Revista *Brasileira de Psiquiatria*, “os estudos nacionais e internacionais situam a prevalência de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH) entre 3% e 6%, sendo realizados com crianças em idade escolar na sua maioria” (2000, p. 7). Vários outros sintomas podem ser considerados indícios de início desse transtorno. Esse problema, quando identificado, poderá ser facilmente resolvido com ajuda médica e intervenção medicamentosa.

Segundo o site jornal da USP, as dificuldades de prestar atenção a detalhes ou errar por descuido em atividades escolares e de trabalho e envolver-se em tarefas que exijam esforço mental, e ser facilmente distraído por coisa alheia e apresentar esquecimentos em atividades.

3- Falta de Infraestrutura e do sistema educacional



https://lh3.googleusercontent.com/proxy/-ShsM445ETXXJLSU45anHuaOQ8Oxs5G-3JUO9W2i52wqIP1HKE7pWgamNHal-I67PSVif0D9FOJZGIq5v7gB-9piTH6HCUQrvXb_uLtc_wds9Nt4Xe4iQ6-a-cY=w1200

A falta de estrutura também contribui para a falta de atenção. Salas pequenas e numerosas são frequentes.

Sem contar que os moradores da zona rural enfrentam diversos obstáculos para chegarem à escola. Falta de transportes ou quando possuem são ineficazes.

Não faz parte do cenário brasileiro salas equipadas com computadores ou internet. Livros e materiais didáticos também não são realidade em todas as escolas públicas.

O sistema educacional está falhando, estudos revelam que de cada quatro alunos que concluem o ensino fundamental, três saem sem saber ler, escrever e fazer as quatro operações matemáticas (adição, subtração, divisão e multiplicação). É preciso reavaliar o sistema de ensino brasileiro. Para tanto podemos nos valer de práticas exitosas em outras localidades.

Mais de 180 mil escolas e o uso de tecnologia não é realidade em muitas delas. E isso ocorre por falta de estrutura e falta de formação docente. O Censo Escolar 2018 divulgou que, entre as escolas de ensino médio do país, 15% não têm acesso à banda larga. Além disso, 21,9% não têm laboratório de informática e 4,9% não têm acesso a qualquer tipo de internet. Percebe-se que as políticas públicas não dialogam com as necessidades da comunidade escolar.

4 - Apatia e falta de Interesse- Consequências.



https://webstudy.pt/wp-content/uploads/2017/03/iStock_72380759_LARGE.jpg

Estudam apontam que a falta de interesse dos alunos gera falta de desejo em aprender. Segundo RUDEL (2007, p.35), “um impulso não satisfeito em tempo leva ao surgimento de uma tensão que caracteriza o desejo”. Sem esse impulso inacabado não existe o desejo em aprender. Os alunos apontam vários problemas que causam apatia e desinteresse.

Isso ocorre principalmente porque não houve evoluções na forma de ensinar, sendo que é a mesma que foi utilizada na educação dos nossos avós. A competição é desleal já que os alunos possuem um mundo muito mais atrativo no próprio celular. A tecnologia não deve ser inimiga e sim aliada do ensino. Aulas interativas podem mudar este cenário.

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) quer apresentar às escolas e ao mundo, alunos capazes e preparados para brilharem no mundo e serem destaques no mercado de trabalho. Por isso ela propõe o projeto de aluno protagonista desde a Educação infantil até o ensino médio.

Essa proposta da BNCC é muito exitosa porque desperta interesse. É um estilo de ensino autônomo onde dão mais atenção e ênfase ao ensino dos jovens, usando de diversos artifícios e recursos para que interessem os alunos e façam com que os alunos se esforcem para de fato aprender a matéria e não apenas memorizando-a.

Para possibilitar a tomada de decisões dos alunos, que é um ponto-chave no protagonismo, os professores podem estimular debates, votações e o desenvolvimento das competências latentes.

Outra proposta para despertar o interesse e acabar com a apatia dos alunos é promover a sala de aula invertida. Nela os alunos são ouvidos e é a partir de seus relatos e experiências que os professores mediam o ensino. Os mediadores não devem dar respostas arbitrárias e imediatas aos alunos sem incentivá-los a buscarem as respostas, proporcionando assim a compreensão daquele assunto ou tema.

É importante instigar debates entre os alunos sobre determinado tema para que desde cedo eles aprendam a se comunicar e argumentar com alguém que tenha um ponto de vista diferente do seu, além de fazer eles conversarem e chegarem a alguma resposta satisfatória.

Desta forma os alunos terão que lidar além da sua opinião, com a dos outros colegas, chegando a uma resposta que agrade a todos sem nenhum impasse. O importante é fazer os alunos se sentirem os protagonistas principais deste meio de aprendizagem, e isso será empregado em experimentações e erros.

Todos esses métodos podem ajudar que os alunos desenvolvam desejo em aprender, rompendo com a apatia e o desinteresse. O ser humano é único e não existe por isso não existe uma receita para todos. É necessário testar para ver qual é a melhor forma de apresentar o conteúdo fazendo com que esse aluno se desenvolva.